

REPER
FORMAR

PROFESSORES

.....

PERFORMERS

O AFETO

NAIRA CIOTTI

PROFESSORES
REPERFORMAR O AFETO
PERFORMERS

NAIRA CIOTTI

PROFESSORES REPERFORMAR O AFETO *PERFORMERS*



A DELICADEZA QUE NOS MOBILIZA A ESTARMOS JUNTOS COMO UMA FORMA DE AFETO

NAIRA CIOTTI

Apresentamos um panorama do evento “Reperformar o Afeto: Professores Performers” ocorrido em maio de 2018 na cidade de Natal/RN como parte do projeto de pesquisa “Reperformar o Afeto” (CNPq). Reunindo pesquisadores de todo o Brasil, bem como educadores e educandos de Graduação, Pós-graduação e artistas. Esse foi um evento de extensão, iniciativa do Laboratório de Pesquisa em Performance e Teatro Performativo (LABPerformance), aprovado no edital 35/2017 de Apoio a Eventos no País da CAPES, com parceria do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGArC), e do Centro de Ciências Humanas, Letras e Filosofia CCHLA da UFRN.

Acordamos todas as manhãs e abrimos nossos dispositivos para acessar redes sociais. Nem bem acordamos e já sabemos de tudo, e já estamos todos afetados, nas instâncias do poder, funciona da mesma maneira. Dentro do conjunto de configurações: “Em sua coletividade, os afetos configuram corpos políticos, ou seja, massas de corpos que representam determinados discursos e se movem através deles, podendo por eles ser expressos com uma noção arbitrária de individualidade” (CIOTTI, MOREIRA, 2017).

Se Frédéric Jameson indicava, nos finais dos anos 80, um esmaecimento das questões do afeto nas artes, pois estas estavam distanciadas das grandes temáticas do tempo e da temporalidade e muito envolvidas nas questões do espaço (JAMESON, 1998, 43). Atualmente, leitores de Spinoza trouxeram uma concepção muito distinta da ideia pós moderna de desaparecimento dos sentimentos na arte. A seguinte concepção foi trazida por Michael Hardt: “Spinoza nos dá uma nova ontologia do ser humano, ou melhor, uma ontologia do humano que está constantemente

(RE)PERFORMAR A CRISE.

“A proposta brasileira de implementação do teto para os gastos públicos federais, objeto das PEC’s 241/55, foi aprovada em 16 de dezembro de 2016, consolidando-se na Emenda Constitucional de número 95, que instituiu um novo regime fiscal para vigorar nos próximos 20 (vinte) anos, valendo, portanto, até 2036. Referida proposta foi alvo de intensos protestos pela sociedade civil, sendo a causa de greves e ocupações estudantis que ocorreram nas escolas e universidades públicas de todo o país, o que não impediu, contudo, sua aprovação.” Cynara Monteiro Mariano. Emenda constitucional 95/2016 e o teto dos gastos públicos: Brasil de volta ao estado de exceção econômico e ao capitalismo do desastre. Revista de Investigações Constitucionais, Curitiba, vol. 4, n. 1, p. 259-281, jan./abr. 2017.

aberta e renovada” (HARDT,2007, xii). No prefácio no livro *The Affective Turn*, quando escreve sobre a obra de Spinoza, criador do conceito de afeto, Hardt nos indica que, na sua ontologia, o ser humano é construído por eles, e por isso o problema da relação entre a mente e o corpo nos leva a supor que tanto o corpo quanto a mente possuem igual importância. ¹

Uma quantidade considerável de autores está construindo uma teoria dos afetos.² Os proponentes da “virada” para o afeto localizam-se no nexos de vários vetores intelectuais.³ A própria história da arte vem sendo alvo de diferentes pontos de vista que enfrentam as questões contemporâneas sob a perspectiva dos afetos. Num artigo sobre a história da arte pós guerra, a autora polonesa, Luisa Nader ⁴, defende uma crescente importância do afeto como foco de análise em vários discursos disciplinares e interdisciplinares, em grande parte influenciado pelos acontecimentos violentos do século XXI, como ações terroristas ou o incrível aumento dos ataques criminosos em regiões anteriormente conhecidas por serem lugares pacatos e amigáveis, como o interior do estado do Rio Grande do Norte, por exemplo. ⁵

Inserindo o corpo na vida social, os estudos sobre o afeto também ocupam seu lugar de discussão no âmbito das Artes da Cena, produzindo e proporcionando a apreensão de distintos modos de subjetivação. O performer e o professor declaram a assunção de posições críticas, políticas, abrindo-se para a experimentação, para o risco de se ver distante das questões específicas da arte. Neste projeto de pesquisa, nossa questão foi tentar desvendar o que a chamada virada afetiva “*Affective Turn*” nas artes pode influenciar no ensino das Artes do Corpo e da Cena.

¹. *The perspective of the affects, in short, forces us constantly to pose the problem of the relationship between mind and body with the assumption that their powers constantly correspond in some way.* (HARDT, 2007, xi)

². No século XX, o trabalho de filósofos como Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault, entre outros, fizeram emergir as questões do afeto desenvolvidas por Baruch Spinoza, no século XVI. Partimos de uma conhecida formulação sua: “Um afeto não pode ser refreado nem suprimido senão por um afeto contrário e mais forte do que o afeto a ser refreado.” Esta visão panorâmica da filosofia dos afetos no século XX pode ser encontrada em La Caze, Marguerite & Lloyd, Henry Martyn (2011). Editors’ introduction: Philosophy and affective turn. *Parrhesia* 13:1-13. Disponível em: http://parrhesiajournal.org/parrhesia13/parrhesia13_lacaze-lloyd.pdf acesso 18/9/18.

³. Segundo seus comentadores, o filósofo Merleau-Ponty reconheceu que culturas diferentes expressam afetos também de forma variada, ou seja, até mesmo as conceituações ocidentais arquetípicas, produzem diferenças na emoção em si. Afetos, de acordo com Deleuze e Guattari, em desdobramentos do trabalho de Spinoza, são independentes de seu assunto, sua filosofia da arte a vê como blocos de sensações, compostos por percepções e afetos. Foucault, por sua vez, nos levou a pensar que o afeto é o local da produção da subjetividade contemporânea.

Este projeto propôs a investigação de uma ‘arte emergente’ definida como resistente, insurgente, heterodoxa ou ainda em estado potencial que implica uma crítica à situação presente, seja da sociedade, da cultura ou da própria arte, promovendo um processo desconstrutivo das formas predominantes. Tal arte emerge em reações urgentes, prementes ou excepcionais diante de processos de desestabilização, opressão ou restrição a integridades de indivíduos e populações, a seus territórios, sistemas culturais e a plena liberdade de expressão.

...no Brasil pós-impeachment eu vou tropeçando pelas soleiras das portas dos Cursos e disciplinas e reformas educacionais. Em geral, estou de olhos fechados e mãos erguidas em expressão de êxtase, ou espanto. Nada pode ser mais estranho: caminhar no escuro e nas subidas e descidas das escadas e nos degraus e nas coisas e pessoas que estão de braços cruzados em pose de ira. Não posso passar o corpo todo, apenas um braço ou perna. (Ciotti, arquivo pessoal, 2018).

ODIAR SER PROFESSOR, SER ARTISTA.

Este tipo de escritura, que não pertence ao famoso modelo acadêmico, utilizado em conferências ou artigos científicos tornou-se frequente em nossos estudos sobre os afetos. Podemos citar novamente o livro *The Affective Turn* onde uma de suas organizadoras, a professora de sociologia e estudos de mulheres no Graduate Center e no Queens College da University of New York, Patricia Ticineto Clough, entende que as formas experimentais de escrita mostram em sua forma aspectos de esquecimento, perda, incerteza, rejeição e defesa.⁵

4. *The increasing significance of affect as a focus of analysis across a number of disciplinary and interdisciplinary discourses is occurring at a time when critical theory is facing the analytic challenges of ongoing war, trauma, torture, massacre and counter/terrorism.* NADER, Luisa. “An affective Art History”, 2015, p. 237 Disponível em <https://depot.ceon.pl/handle/123456789/11822> acesso 16/09/2018

5. Segue uma primeira lista:

1. Anna Ioanes; *Feeling and Form: New Theories of Affect and Aesthetics.* the minnesota review 1 November 2017.
2. Eugenie Brinkema. *The Forms of the Affects.* Duke University Press, 2014.
3. Melissa Gregg & Gregory J. Seigworth, eds. *The Affect Theory Reader.* Durham, North Carolina: Duke University Press, 2010.

Sigo com meu próprio diário para descrever as situações de trauma que vivemos no Brasil, circunstâncias que muitos podem considerar irreais, pois não se trata de nenhum país convulsionado por ataques terroristas ou guerras infinitas, mas posso dizer que ser professor de Arte, no Brasil, já constitui em si uma atividade traumatizante, principalmente por que essa profissão nos leva a lidar com afetos destruidores, servis e mesmo excludentes todo o tempo.⁶ Por mais estranho que possa parecer, o trecho a seguir não é uma declaração pessoal de uma situação de aula, se trata mais de um texto sobre as férias desta professora que decidiu passar a noite em um hotel na beira da estrada para descansar antes de seguir viagem no dia seguinte. Estava em Propriá, uma cidade de fronteira entre os estados da Bahia e Sergipe, o hotel em que estive hospedada se localizava literalmente à beira do rio São Francisco:

No Brasil hoje, estamos todos diante do Exército nos lugares menos prováveis. Estou eu, aqui, em férias, dirigi 1000 quilômetros entre Natal e Salvador e agora retorno para casa. Paro para almoçar e ficar um tempo maior neste hotel que fica numa ponte do rio São Francisco numa pequena falésia na estrada. Pacato, quieto, vazio e decadente. Ideal para descansar. No entanto, assim que anoitece começa um intenso movimento, várias camas saem de um quarto e são levadas para outro por diversos funcionários que chegaram para trabalhar. Após o jantar, vou para fora fumar meu cigarro e percebo que no estacionamento estão dois ônibus da Força Nacional. O lugar está coalhado de militares! Estremeci. Meu trabalho, minhas roupas minhas conversas, tudo parece me denunciar, sou subversiva! (Ciotti, 2018)

Novamente, a autora anteriormente citada, Patricia Clogh nos ajuda a entender esse repensar o corpo humano em relação com o ambiente. Embora possa parecer que meu texto não contém muitas elusões, na verdade meu grande susto naquele momento veio de minhas memórias:

5. As regras do novo regime não permitem, assim, o crescimento das despesas totais e reais do governo acima da inflação, nem mesmo se a economia estiver bem, o que diferencia o caso brasileiro de outras experiências estrangeiras que adotaram o teto de gastos públicos. Somente será possível aumentar os investimentos em uma área desde que sejam feitos cortes em outras. As novas regras desconsideram portanto, as taxas de crescimento econômico, como também as demográficas pelos próximos 20 (vinte anos), o que (e aqui já antecipando a nossa crítica a respeito), poderá levar ao sucateamento das políticas sociais, especialmente nas áreas da saúde e educação, pondo em risco por completo a qualidade de vida da população brasileira. (idem, p. 261)

6. Gregg e Seigworth traçaram oito vetores que, juntos, orientam a “virada”. Em resumo, eles são:

- teorias fenomenológicas e pós-fenomenológicas do “embodiment”;
- cibernética e a teoria humano/máquina/inorgânico; tradições filosóficas não cartesianas;
- aspectos da teoria psicológica e psicanalítica;
- tradições críticas do poder normativo, estudos sobre feminismo, queer, estudos sobre minorias sociais e deficiência;
- uma coleção de tentativas de reagir à virada lingüística;
- teorias críticas e história das emoções;
- aspectos da ciência e neurologia.

(In Melissa Gregg & Gregory J. Seigworth, eds. *The Affect Theory Reader*. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2010).

Comecei minha profissão como professora de História nos anos 80. Durante a ditadura militar, fui demitida por justa causa numa das escolas por coordenar com os estudantes uma performance que a diretora da escola considerou subversiva. Dizia aos meus alunos que nós tínhamos liberdade na sala de aula para conversar sobre todos os assuntos, inclusive sobre política e a situação que o país vivia na época, além de preconceito racial e a história da escravidão. (idem)

AMAR SER PROFESSOR,

Uma arte emergente de um ponto de vista linguístico e imagético pode ser identificada em discursos que se tornam, parcialmente, ou mesmo, contaminados por signos heterodoxos, que surgem de códigos não normatizados naquele contexto, veículo ou tipologia discursiva. Esses discursos se tornam emergentes a partir do momento em que incorporam o de-normativo, o estranho, o deslocado ou o inquietante, resultantes do atravessamento de fronteiras entre populações, culturas, territórios, disciplinas ou mesmo ideologias, refletindo um tempo de rupturas em uma crescente instabilidade sistêmica.⁷

Em 2018, a fim de compor a programação do evento, convidamos os profissionais em Educação egressos do PPGArC-Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, a submeter uma proposta de investigação artístico-pedagógica em residência artística. Apesar das muitas tentativas de contato não obtivemos nenhuma resposta positiva.⁸ Em nosso entendimento, houve, como resultado do convite feito aos egressos do PPGArC essa falta de respostas e, por consequência, a ausência dos egressos durante o evento. Provavelmente, isso se deu por conta de uma falta de perspectiva em relação ao futuro daqueles que estão envolvidos com o trabalho docente na região. Por isso, sentimos a necessidade de reafirmar ações propositivas e inspiradoras com o afeto como ponto de convergência de diversos estados de ânimo ou do sentido geral de desamparo.

ADIAR, ODIAR.

A partir de sua leitura de Freud, o autor Vladimir Safatle esclarece que o desamparo “equivale ao desabamento da ação: eu não consigo mais agir, momentaneamente, porque eu não sei mais como agir.”⁹

A partir dessa constatação deliberamos no LABperformance que o evento Reperformar o afeto não poderia se dirigir exclusivamente aos egressos de nosso Programa de Pós Graduação e por isso convocamos todos os discentes e docentes envolvidos na pesquisa em performance, ensino e Artes Cênicas. Nos dedicamos a compartilhar as chamadas para os discentes atualmente matriculados incluindo também os que estavam apenas em situação de ouvintes. Assim, obtivemos uma expressiva e afetuosa participação destes jovens pesquisadores que, como poderemos observar nos relatos abaixo, extraídos de artigos científicos escritos como avaliação para um dos componentes disciplinares que eu e os demais pesquisadores de LABperformance estávamos ministrando no primeiro semestre de 2018.

Como participante de primeira viagem aqui desenho a extensão do afeto dentro do evento, este configura um lugar de ser e de estar numa situação relacional, nos deslocando a partir das reconfigurações do que somos e do que estamos provocando no modo de existir das coisas todas que nos compõem e circundam como sujeitos artistas e arte educadores. O Afeto toma dessa forma a dimensão de criar ou recriar novas realidades possíveis sempre num estado de comungar com outros corpos e espaços.

Na Ribeira outras presenças (invisíveis) te chamam para se instalar no agora, te convidam para Reperformar Afetos – instalar a presença no sentir presença do outro. Oferendar a Ribeira, seja para seus vivos ou mortos, me alimentou a alma e me faz acreditar que o devir é humano e feminino. Cruzar o beco de linhas e flores vermelhas, oferendas de rubro afeto para tecer no tempo do antes e do agora os estados d'alma que nos liberta de costuras que fecham. Costuras abrem os tempos-corpos! É tempo de Reperformar o Afeto! (Edceu Barbosa)

7. In taking up trauma, critical theory was able to transition from the deconstruction of the Subject of Western modernity to the production of multiple subjectivities and multiple modernities expressed in new forms of history, often presented at first in autobiographical experimental writings by diasporic subjects. (...) Not surprisingly, the experimental forms of writing that mean to capture trauma often present the subject in blanks or hesitations—a topographic formulation of forgetting, loss, uncertainty, disavowal, and defensiveness. Moreover, the loss and the forgetting might not be those of the writing subject per se. (CLOUGH, 2007, xxii)

8. Segundo Bruno de Souza, bolsista de Iniciação Científica: “Em nossa primeira tentativa de contatar os egressos do PPGArC, optamos por mensagem via E-mail. Foram informados do evento todos os ex-alunos do PPGArC UFRN, contudo, só obtivemos respostas de seis egressos do programa, alguns justificando sua ausência por motivo de trabalho ou por causa da greve escolar, que estava em andamento na época da convocação. Tornando o recurso de diálogo via email inviável naquele momento. Somente no espaço destinado aos compartilhamentos pedagógicos, intitulado Nuvem de Partilhas um compartilhamento de ação pedagógica obteve êxito no quesito destinado a participação de um egresso do PPGArC. Nessa experiência, os componentes inscreveram propostas para aulas de 15 minutos, todos os envolvidos tinham total autonomia para viabilizar seus planejamentos em qualquer eixo que estivesse relacionado ao campo performance e ou arte contemporânea. Neste sentido, os inscritos precisavam articular de maneira objetiva suas proposições, entre esses, o professor Maurício Barbosa de Lima, que obteve o título de mestre pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFRN, em 2018 optou em compartilhar com os demais sua proposição de aula performativa intitulada Plano de Aula Performativo em que os participantes se dividiram em grupos para compor um planejamento pedagógico, organizar e apresentar sua proposta em 15 minutos.” (SOUZA, relatório parcial do Projeto de IC, 2018)

Compartilhamos e despertamos num lugar da experiência em sala de aula e em outros espaços da UFRN - Universidade do Rio Grande do Norte, mais especificamente no Departamento de Artes, e no IFRN - Instituto Federal do Rio Grande do Norte, momentos de vários signos e significados que se tornaram uma poética artística, não somente para área da dança, como também para as outras áreas ali representadas pelos participantes da turma de mestrado em Artes Cênicas. Esses atravessamentos onde pensamos a performance como forma de experiência do corpo, e, seja qual for tal experiência, passando pelo corpo vivido, se tornaram uma percepção possível de meu corpo e do mundo, a partir dos movimentos gerados. (Nelita Castro Andrade)

A meu ver, compreender que sou pesquisador artista, é compreender que iniciativas criativas assumem forma para falar ao mundo sobre determinado assunto através da academia, elevando de modo potencialmente singular a linguagem artística e, por conseguinte, ampliando também as leituras dessa linguagem. Contudo, ainda que no âmbito acadêmico o “fazer arte” tenha como elemento disparador iniciativas criativas do artista, há que se considerar que nesse processo somar se-ão outras questões inerentes à liberdade de escolha presentes no corpo do pesquisador artista, questões que nos afetam e nos constroem.

[...] compartilhamento da sessão “NUVEM DE PARTILHAS”, que aconteceu no dia 25 de Maio de 2018, das 10 às 12h45, no DEART. Era o último dia da programação do evento “Reperformar o Afeto - Professores Performers”, a atividade foi compartilhada por todos aqueles que submeteram propostas no evento e tinha a curadoria da professora performer Carminda Mendes André e Karyne Dias Coutinho Ambas são professoras em graduações de teatro, e ambas discutem as interfaces entre educação e artes. O tempo para a atividade foi reduzido a 15mn, e cada ação apresentada foi debatida ao fim, com apontamentos mediados pelas professoras, que participaram ativamente de cada ação. [...] este escrito discorre primeiro sobre a ação executada no evento Reperformar o afeto, “Aula expositHIVa – uma abordagem pós coquetel” realizada em maio de 2018 (FRANCO W. LIMA da FONSECA)

9. “Desamparo é uma reação a um objeto, a um acontecimento, que eu não consigo representar, porque ele quebra o meu sistema de representações. Ele quebra meu sistema de projeções. E por isso o desamparo equivale ao desabamento da ação: eu não consigo mais agir, momentaneamente, porque eu não sei mais como agir. porque eu não sei mais como responder. Porque eu não consigo representar de maneira adequada aquilo que parece como objeto do meu afeto.” transcrição dos principais trechos da palestra: “Medo, esperança, desamparo: por uma política dos afetos”, proferida pelo filósofo e professor da USP Vladimir Safatle na Reitoria da UFBA, no dia 02/05/2016, disponível em https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/safatle-em-politica-entrar-em-confrontação-é-desconstruir-circuitos-de-afetos acesso em 23 Set 2018.



Figura 1 - Professora Tânia Alice, após participar da Ação Oferenda para Visíveis e Invisíveis. Bairro da Ribeira, Foto Edceu Barboza Natal, 2018.

Há, nas artes contemporâneas um vocabulário amplo para designar e narrar as perspectivas sobre processos criativos. Contudo, quero destacar a construção de uma semântica que propõe uma disposição para a repetição e transformação nas ações em torno da arte. Os prefixos “Re” e “Des” estão ligados a este vocabulário e nos ajudam a pensar como as práticas artísticas estão interessadas em questões organizadas a partir de processos de metalinguagem. Por meio deste revisitar, repensar, refazer, reperformar, as práticas têm características desviantes, deslocadas, desconstruídas. Estas perspectivas de metalinguagem e rupturas promovem, em algumas instâncias, novos engajamentos para a arte que podem ocupar diversos espaços da sociedade e mesmo espaços não-institucionais como rua, escola, hospital. (Rita Cavassana)

Como outras mulheres educadoras vivo inúmeras experiências. Durante o Mestrado em Educação aprendi que operar em outra concepção dos níveis em que emergem as realidades humanas de redução e disjunção é o desafio proposto por uma educação educativa de bases complexas, e traz ao mundo contemporâneo mais uma chave de acesso ao paradigma dominante que é obedecido às cegas. O problema chave do pensamento e da ação política é a reforma do pensamento e a reforma do ensino, no sentido e direção da formação de inteligências capazes de perceber o contexto planetário e agir com responsabilidade e consciência. Operar na disjunção e associação: distinguir, separar, opor, religar. Componentes como economia, política, sociedade, afeto, mito e arte são inseparáveis, pois tecem juntos a interdependência, a interatividade e a comunicação entre as partes e o todo, e retroativamente do todo e as partes. (Rosane Félix)



Figura 2 - Portões e achados nas ruas do bairro da Ribeira. Edceu Barboza. Natal, 2018.



Figura 3 - Charrete o jogo dos afetos, em Patu- RN. Foto: Evandro Ferreira.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Nestes últimos anos vivemos um retrocesso no que se refere ao atendimento das principais demandas sociais no Brasil e, como é de praxe, as políticas públicas para a educação no país enfrentaram cortes e o desmonte em sua estrutura. Além de cortes no orçamento, estamos sujeitos às políticas que atacam a formação especialista de professores e estudantes nas áreas de Ciências e Artes. Em momentos delicados como o que enfrentamos, ao invés de uma atitude pessimista, o que nos mobiliza é estarmos juntos como uma forma de arte e resistência, e para isso convidamos professores da rede pública de ensino e artistas de vanguarda a compartilharem afetos, nosso método para tal foi a criação de um circuito de práticas desviantes e inovadoras.

A partir desse desejo de compartilhar nossos afetos e reorganizar nossas ações, propusemos a construção de espaços não-fascistas. O que queremos dizer começa com a urgência e incerteza sobre viver em um ambiente improvisado em meio às ações artístico-pedagógicas efêmeras em conjunto com professores, alunos e comunidade escolar para compartilhamento de saberes relacionados à transdisciplinaridade da arte com as outras áreas do conhecimento. Assim, alcançamos a ideia da subjetividade como matéria de expressão, que permite ao performer e ao professor passarem a questionar a própria existência de seu corpo político. O confronto entre a arte e a vida criaram, deste modo, outras formas de linguagem e sentidos que estão diretamente ligadas às questões que emergem de seu corpo social.

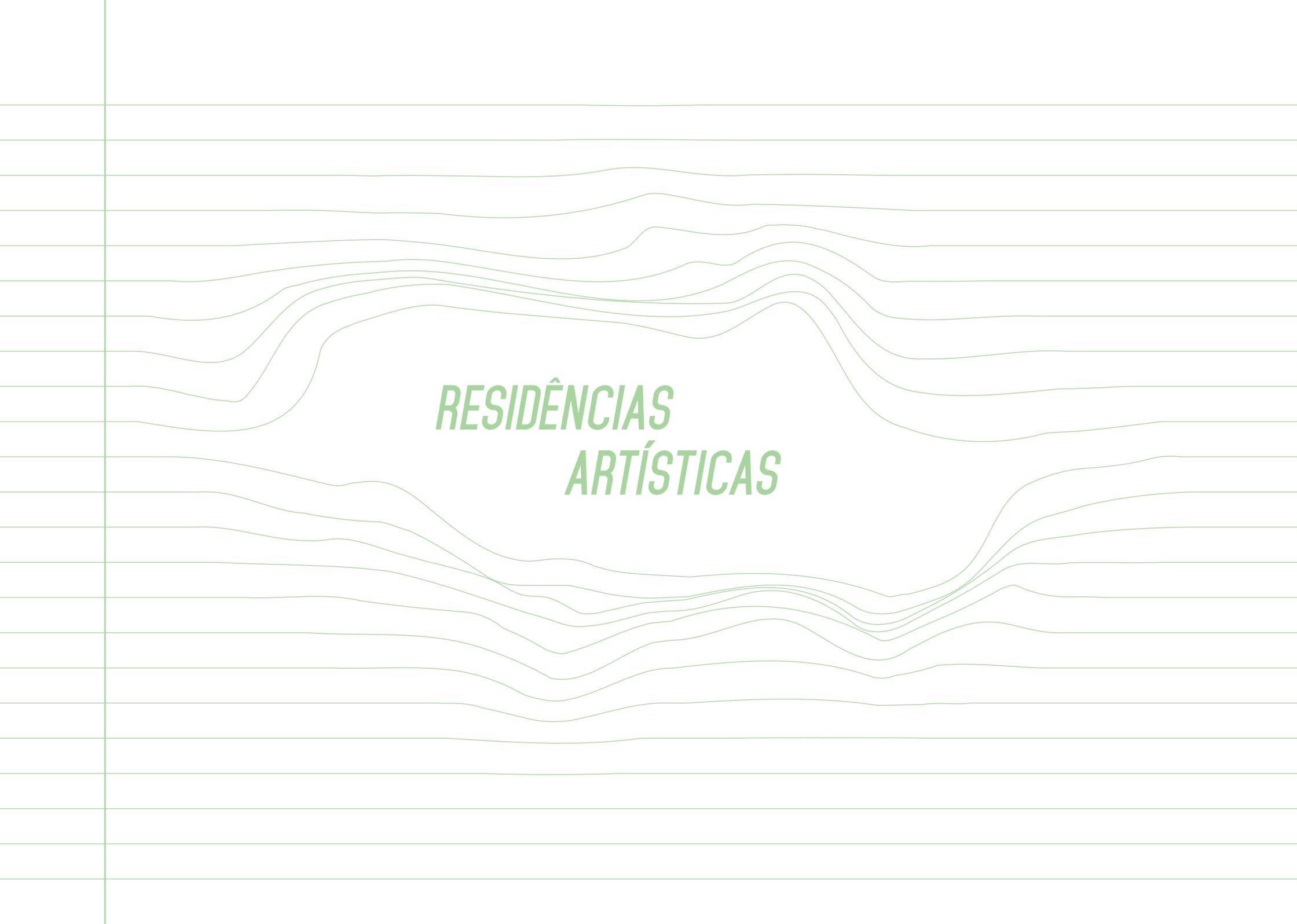


REFERÊNCIAS

- JAMESON, Fredric. Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo, Ática, 1996..
- CIOTTI, Naira. O professo-performer. Natal: EDFRN, 2014.
- SAFATLE, Vladimir. Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.



Figura 4 – O sertão depois da chuva.
Foto: Naira Ciotti, 2018.

The background consists of horizontal green lines. A central graphic element is formed by multiple overlapping, wavy green lines that create a sense of depth and movement, framing the text.

*RESIDÊNCIAS
ARTÍSTICAS*

RESIDIR EM AFETOS

VICENTE MARTOS

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

Em outubro de 2016 nós, Rita Cavassana, Vicente Martos e Naira Ciotti, enquanto integrantes do Projeto Cartas, nos organizamos para participar da então primeira residência artística Reperformar o Afeto. Assim como nós, também foram convidados os professores-performers Wellington Júnior (UFC) e Cristiana Nogueira (UFMA). Não nos conhecíamos ainda, exceto eu e Rita, que já morávamos juntos em São Paulo, e Naira, que já tinha contato anterior com todos nós.

O plano de realizar uma residência artística sem subsídios de qualquer espécie se deu da seguinte forma: nós, artistas convidados, custeamos nossas passagens e gastos com alimentação e deslocamentos internos; Naira, nossa anfitriã, mudou-se de sua casa para outro espaço, cedendo então o local para que “morássemos” durante o período de uma semana. Buscamos, com essa configuração, compartilhar experiências em dois níveis: o primeiro, entre nós, artistas de áreas e localizações diversas que atuavam em seus contextos específicos; o segundo, com a comunidade local, através da interação com os estudantes do curso de Licenciatura em Teatro e da Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN.

Na ocasião, o contexto político e social do Brasil já era bem preocupante: há pouco menos de dois meses o mandato da então presidente Dilma Rousseff havia sido cassado através de um golpe jurídico; os deputados e senadores, em ritmo galopante, votavam e aprovavam cortes orçamentários na Cultura e, principalmente, na Educação. Em uma esfera local, ou seja, na própria universidade, a reitoria estava ocupada por estudantes que protestavam contra tais medidas austeras. Esses protestos configuravam uma zona de contato direto e também indireto uns com os outros - uma rede que se estendia por universidades e escolas de todo o território nacional.

Essa primeira experiência em Natal já nos apontava para o residir enquanto deslocamento. Para traçar um território de residência nos deslocamos de nossas cidades de origem e, através da convivência diária, criamos um topos. Os pontos de contato mantidos entre artistas e estudantes que protestavam favoreciam a atualização dos trabalhos apresentados que, ainda que realizados anteriormente, no presente contexto ganharam novas leituras. Também nós, residentes, re-configuramos nossos corpos e discursos, estabelecendo pontes com os entornos.

Em 2017, um novo deslocamento. Ingressei no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN com o projeto de pesquisar a residência artística como um processo de criação. O ponto de partida seria o próprio Reperformar o Afeto, evento que me trouxe a Natal pela primeira vez. A pesquisa, associada ao Laboratório de Pesquisa em Performance e Teatro Performativo, coordenado pela professora-performer Dra. Naira Ciotti, também buscava recriar e desdobrar o ambiente de compartilhamento que havíamos experimentado no ano anterior.

Através dos Estágios em Docência Assistida que realizei nas disciplinas Encenação IV e Estudos da Performance, ambas ministradas por Naira na graduação, propusemos um grande compartilhamento entre os alunos-artistas baseado nos moldes do primeiro evento, onde as performances eram encenadas em um espaço cênico que simulava uma vitrine, montado no Teatro Laboratório Jesiel Figueiredo (DEART). Os processos, que foram desenvolvidos individualmente, foram expostos em uma apresentação única que chamamos TAKA-KUMÃ, expressão em Tupi que significa “grande mercado”. Essa seria uma segunda ação de reperformar nossos afetos com performances dialógicas.



Figura 1 – Reperformar o afeto, Reitoria da UFRN. 2016.

Já em 2018, com o apoio do PAEP/CAPES, buscamos reunir o que aconteceu de melhor nas duas edições anteriores. A convivência e generosidade dos participantes convidados da primeira edição, associada ao empenho dos estudantes-artistas em performatizar os seus afetos em diálogo com o tempo atual nos fez expandir o conceito de residência para as nossas práticas de compartilhamento; como residir em nossas práticas de educação? como estender e distribuir competências políticas, atentando para a responsabilidade que permeia cada um dos corpos presentes?

Dessa forma, convidamos pesquisadores que tivessem no cerne de seu trabalho pedagógico o que estamos chamando superficialmente de “práticas pedagógicas estranhas”. As aulas que extrapolam os limites da sala de aula, que se desdobram em ações na rua, dialogam diretamente com as cidades, com suas histórias ocultadas pelo tempo e o ritmo metropolitano.

Cada pesquisador participante trouxe para a residência suas experiências: Prof. Dr. Gláucio Machado Santos (UFBA) nos relatou em conferência uma de suas pesquisas orientadas, que analisou a relação com o afeto do ponto de vista de uma viajante que se relaciona com os demais através de jogos teatrais. A prof.a dr.a Tânia Alice (UNIRIO) nos mostrou um apanhado de ações performáticas que vem realizado, relacionando pulsões pessoais e afetos coletivos. A prof.a dr.a Carminda Mendes André (UNESP) nos falou de suas ações pedagógicas nas ruas da Barra Funda, em São Paulo, em que buscou capturar histórias esquecidas do bairro através da relação com seus moradores e frequentadores mais antigos. O prof. dr. Marcos Bulhões mostrou-nos suas ações em coralidades performativas realizadas nos espaços públicos de São Paulo nas criações de sua companhia, o Desvio Coletivo. Na conferência de abertura, o Prof. Dr. Antônio Wellington Júnior nos contou sobre as experiências de seu laboratório de pesquisa enquanto um pólo criativo através de um acervo de trabalhos e experimentações em processo.

Essas contribuições, bem como o deslocamento dos professores para Natal, foram importantes para estabelecer um espaço efêmero de compartilhamento que, no Reperformar o Afeto, estamos chamando de residência artística. A desterritorialização e reterritorialização ultrapassaram os corpos que se deslocaram, desdobrando-se nos espaços - a Universidade, a cidade de Natal, e também nos outros corpos que participaram do evento. Nesse sentido, a casa subjetiva da nossa residência passou a ser o encontro, a troca e a rede dos afetos que evocamos. Assim, residir em Afetos se faz possível, tornou-se um modo de estar presente.





CARMINDA MENDES ANDRÉ

RESIDENTE

Pesquisadora de arte contemporânea em espaços públicos e possíveis interfaces com o ensino das artes em espaços formais e não formais. Bacharel em Teatro pela Universidade de São Paulo (1989), Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1997), Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2007); Pós-Doutora pelo Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (2010). Pesquisadora e Docente do Programa de Pós Graduação em Arte do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias Cnpq. Coordenadora da Instituição Promotora do DINTER entre UNESP e UFT.



Performance Arvorear, Bruno Souza.

Uma das ações das quais participei dentro do Reperformar o Afeto (2018), foi o compartilhamento O que há em comum entre eu e você? Proposto pela professora Dra. Carminda André (UNESP), neste compartilhamento ocorrido na sede artista do Grupo Gira Dança – localizado no bairro da Ribeira em Natal – a professora mediu uma proposta de deriva no citado bairro, antes disso propôs que os presentes fizessem uma apresentação de si a partir de uma memória que em alguma medida marcou aquele momento. Aqui podemos pensar num modo de aproximação que partiu do compartilhamento dos afetos, pois contar partes da própria história é um gesto de afeto para aquele que está na presença-escuta. Um meio de aproximação que já instala uma pedagogia afetiva na medida que provoca no participante uma abertura de si para então se relacionar com outros.

Neste ponto a pergunta que dá nome ao compartilhamento vai ampliando seus sentidos enquanto proposta, agora distanciado do momento experienciado decodifico os significantes que foram se fazendo presentes na narrativa de cada participante numa relação com a pergunta: o que há em comum entre eu e você? As múltiplas histórias compartilhadas já traziam em si algumas respostas, gerando uma rede de afetos, aqui o afeto é compreendido no lugar de ser afetado por algo e a partir disso se perceber em deslocamentos de si mesmo, o afeto que perspectivado aqui é aquele que nos move despertando a capacidade de nos humanizarmos e assim olhar para nós mesmos na medida que olhamos para o outro e para as coisas todas que nos rodeiam e portanto nos afetam. A sede do Gira Dança, diante desse dispositivo inicial provocado pela professora Carminda, transformou-se numa nuvem de memórias presentificadas pelas lembranças dos participantes. Aqui no meu entender já se instalava uma natureza performativa do ato de se encontrar, de estar na presença do outro que contava histórias.

(Edceu Barbosa)





GLÁUCIO MACHADO DOS SANTOS

RESIDENTE

Ator, encenador e produtor teatral. Bacharel em Artes Cênicas com habilitação em Interpretação Teatral pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. MBA em Marketing pela Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas - EPGE-FGV. Mestre em Teatro pela UNIRIO. Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, com estágio de 'doutorado-sanduíche' na Universidade de Paris X, Nanterre. Professor do Departamento de Técnicas de Espetáculo da Escola de Teatro da UFBA, desde 2002. Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA - PPGAC-UFBA, desde 2008. Atual Vice-Diretor da Escola de Teatro da UFBA (2016-...). Chefe do Departamento de Técnicas de Espetáculo (2003-2004 e 2006-2007). Vice-Coordenador do PPGAC-UFBA (2013-2014). Coordenador do Colegiado de Graduação da Escola de Teatro da UFBA (2009-2010 e 2013-2014). Segundo Líder do Grupo de Pesquisa em Encenação Contemporânea (G-PEC), registrado no CNPq. Orientador de teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso de graduação, iniciação científica, projeto Permanecer e outros. Orientou atividades laboratoriais de pesquisa em artes cênicas agraciadas com Prêmios FUNARTE. Foi professor convidado na Universidade Distrital Francisco José de Caldas, em Bogotá, Colômbia, no ano de 2014. Realiza o projeto de pesquisa: A atividade artística cênica como agente contaminador na sociedade. Atua nas áreas de: história e ensino da direção teatral; administração e produção teatral; processos educacionais em teatro.

Gláucio Machado, professor doutor da Universidade Federal da Bahia, convidado para mediar as apresentações das comunicações, realizou uma conferência no encerramento do evento Reperformar o Afeto: Professores Performers. Em sua fala apontou aspectos sobre processos pedagógicos em artes, a necessidade dos artistas abrirem novos horizontes e perspectivas para a educação de artes no ensino formal.

Gláucio compartilhou a pesquisa de mestrado “Trilhas afetuosas da mochileira de jogos teatrais: reflexões sobre teatro, crianças e a condição de ser professora”, de Pamela Kriss Perez Rosso, a qual orientou no programa de pós graduação em artes cênicas da UFBA. O professor atentou para as formas sob as quais encaminhamos os planos de aulas, e abordou as proposições dos pesquisadores não como simples ações, mas como experiências de vida. A partir da pesquisa citada, trouxe o relato de experiência como orientador e indaga como os pesquisadores em artes cênicas estão inseridos em contextos de educação formal; diferente das áreas de exatas, as pesquisas em artes podem contribuir com maneiras desviantes para o ensino. Assim, ao invés de se ater a um planejamento fechado, o professor atenta para a importância de escutar o desobediente, estabelecendo uma forma de criar desvios para o ensino e pesquisa de artes em contextos formais.

A fala de Gláucio nos convida a refletir sobre os métodos de pesquisa em ação e as práticas pedagógicas em artes nos contextos da academia, sobretudo as investigações em relação às artes da cena e à licenciatura em artes, de que modo entramos em contato com contextos distintos, e como podemos flexibilizar nossas pesquisas para que elas possam contribuir e encontrar sua real potência. Ao escutar os alunos, as faixas etárias e a desobediência dos mesmos podem, em determinados contextos, ser interpretadas como proposições que potencializam a troca entre alunos e professores.

A conferência, por meio do relato da prática de pesquisa, nos instigou a repensar os modos de fazer do ensino em artes, bem como o potencial provocador para abrir espaços de afeto nas instituições e nas estruturas de ensino formal, dando outro significado para a escuta dos alunos considerados desobedientes. Entre as reflexões e partilhas que encontramos nesta conferência, o professor Gláucio destaca as ações pedagógicas como experiências de vida, o que toca o campo dos afetos, dos encontros de identidades e saberes distintos.

(Rita Cavassana)



MARCOS BULHÕES

RESIDENTE

Diretor, ator e pesquisador em cena contemporânea e intervenção performativa urbana. Carioca com formação em Natal (graduação e especialização na UFRN) e em São Paulo (mestrado e doutorado na ECA-USP), onde reside há 18 anos. Estágios como ator em grupo de Teatro do Movimento na Alemanha e como observador da abordagem de aprendizagem de Dramaturgia no Institut del Teatre de Barcelona. É autor do livro “Encenação em Jogo” (HUCITEC, SP, 2004) e da tese “Dramaturgia em Jogo” (PPGAC, 2006). Desde 2009 é professor do bacharelado em Direção Teatral do Departamento de Artes Cênicas da USP. Vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes, orienta pesquisas em pedagogia e criação em Performance, intervenção Urbana e Teatro Performativo, contribuindo para uma cartografia brasileira das ilhas de desordem (Heiner Müller), nas artes performáticas disruptivas, e, sendo um dos editores assistentes da Revista Sala Preta (PPGAC/USP, nível A1), responsável por dossiês sobre espetáculos e da série Pedagogia da Cena contemporânea. É um dos criadores e coordenadores do grupo de pesquisa “Laboratório de Práticas Performativas” na USP, compondo a equipe docente disciplina de graduação “Práticas Performativas 2” e da série de cursos de extensão “Experimentos em Performance”. Ultimamente, realizou consultorias em propostas curriculares para cursos de Teatro/Artes Cênicas, ministra cursos, palestras e oficinas de Aprendizagem da cena contemporânea, Performance e intervenção Urbana. É um dos diretores artísticos do Desvio Coletivo, rede de criadores. Co-criador do projeto de extensão Cidades em Performance, co-ministrando Oficinas de Intervenção Urbana Brasileira em mais de 15 capitais brasileiras. É um dos autores e diretores da Performance CEGOS, apresentada em mais de 30 cidades no Brasil, além de New York, Amsterdam, Barcelona, Funchal e Paris.

CONFERÊNCIA

Uma conferência chamou em especial minha atenção, “**Coralidades Performativas**: criação e aprendizagem”, ministrada pelo professor doutor Marcos Bulhões. Nela o mesmo fez um percurso sobre a sua trajetória como pesquisador, professor e artista, de como, ao longo dos anos foi se identificando com a performance e de como vários conceitos e certezas para ele tão sólidas até determinado momento, com o passar dos anos, e o contato com novas experiências proporcionaram o alargamento da sua concepção acerca do teatro linguagem onde iniciou seus processos de criação e ensino, e no que ele hoje conceitua como artes da cena, estando a performance inserida nesse contexto.

(José Brito da Silva Filho)

Intervenção urbana “Cegos”, Desvio Coletivo - Georgetown Festival (2018, George Town, Malásia).
Foto: Leandro Brasilio.





TANIA ALICE

RESIDENTE

(1976, France) é performer. Foi diretora artística do coletivo de Performance “Heróis do Cotidiano” (Rio de Janeiro, Brasil) de 2009 – 2014, Coletivo que se reverteu na criação e desenvolvimento da plataforma PERFORMERS SEM FRONTEIRAS. Ela trabalha na interface entre artes visuais e artes cênicas, investigando o conceito de Estética Relacional de uma forma crítica, trabalhando nas ruas e em espaços domésticos com artistas e “não artistas”. Criando performances coletivas e participativas, seu trabalho visa a aumentar as potências de afeto e de alegria entre os seres humanos e entre os seres humanos e os animais / natureza, criando, ao mesmo tempo, ações poéticas disruptivas dentro dos espaços urbanos. Formada em Somatic Experiencing (cura do trauma), desenvolve projetos que se apresentam como interseções entre projeto terapêutico e social, criando performances de PARC (Performances de Arte Relacional como Cura), conceito por ela desenvolvido.

CONFERÊNCIA

Performances participativas e relacionais em zonas de trauma: uma revolução dos afetos - aborda a questão da performance na atualidade de uma forma geral, com enfoque na performance relacional. A partir de conceitos que ajudam a pensar a performance como indefinição e espaço dos infinitos possíveis, a fala tem por meta estabelecer a diferença entre relação e participação, definir os diferentes tipos de relação e de participação em projetos de performance, para depois falar da potencialização dos afetos em zonas de trauma. A partir de exemplos de projetos realizados dentro da plataforma Performers sem Fronteiras, são compartilhadas experiências, bem como procedimentos de atuação em zonas de trauma pontual (terremotos, atentados...) e duráveis (periferias, campos de refugiados, entre outros).





COMPARTILHAMENTO

A oficina consiste na preparação e na realização de uma intervenção urbana na Praça Vermelha intitulada “**Aula Aberta**”. Iremos realizar uma ação participativa no espaço público onde cada um, participante da oficina ou transeunte, poderá, durante 5 minutos, ensinar aos outros algo essencial para ele em sua vida.

Ensine algo essencial para você em 5 minutos!

(ações cotidianas, sabedorias de todos os tipos, teorias, truques, ações artísticas, maneiras de ser, conhecimentos essenciais, movimentos, fatos...)



WELLINGTON JÚNIOR (TUTUNHO)

RESIDENTE

É graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará-UFC (1992), mestre (1997) e doutor (2001) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP. Realizou estágio Pós-Doutoral em Artes no Departamento de Comunicação e Artes-DeCA da Universidade de Aveiro-UA. Atualmente é professor Associado III do Instituto de Cultura e Arte-ICA da UFC, professor do Programa de Pós-Graduação em Artes-PPGARTES e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação-PPGCOM, ambos da UFC. Pesquisador ligado ao Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura-ID+ (Portugal). Líder do Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte-LICCA, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Artista visual e performer. Tem experiência nas áreas de Comunicação e de Artes, com ênfase em performance, artes visuais, teorias da comunicação, semiótica, glossolalia e religião, cultura tradicional popular.

DA AULA: AULA #4: PERFORMANCE-PASSAGEM: “SALA 109”

Antonio Wellington de Oliveira Junior (Tutunho)

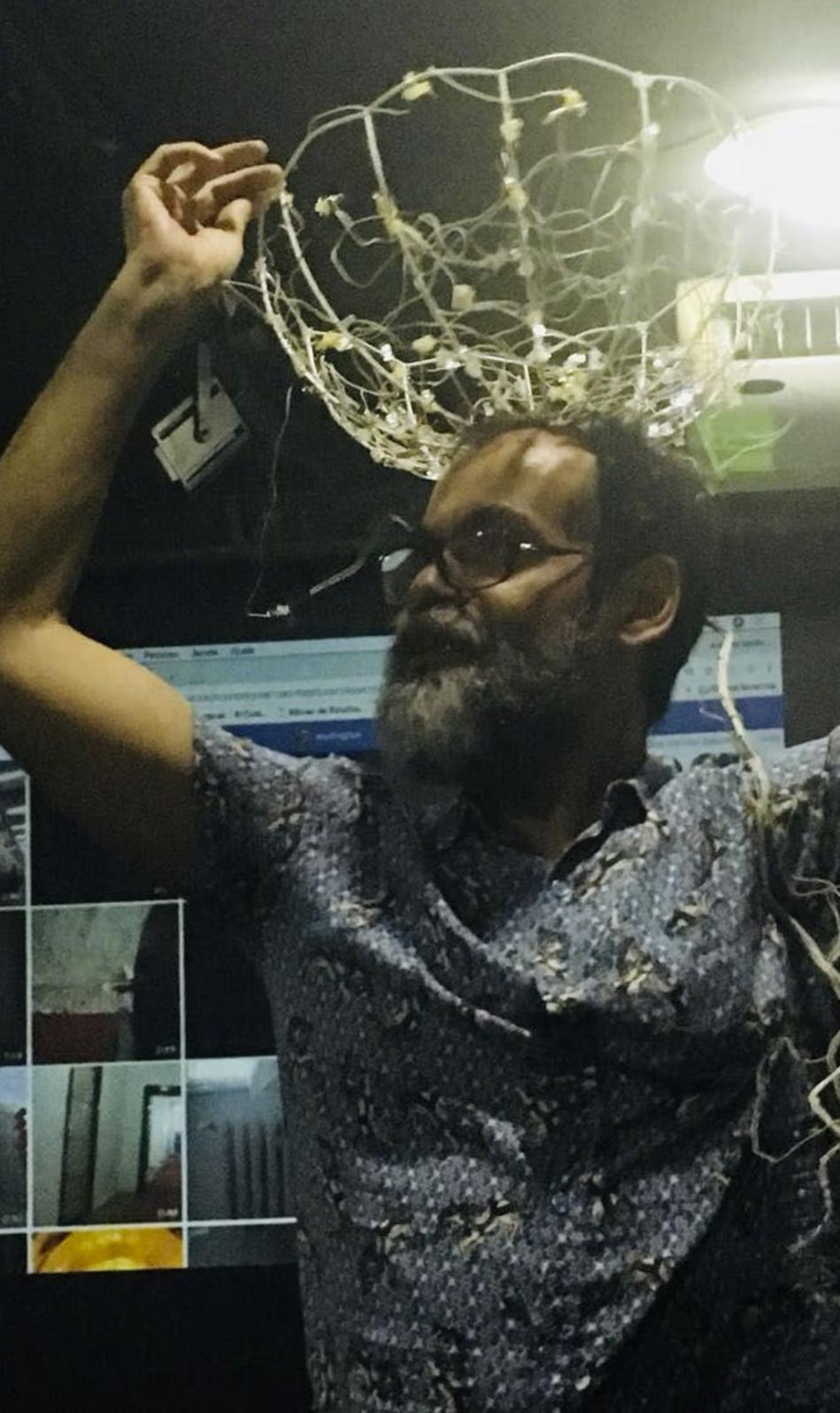
Eliezer Nogueira do Nascimento Junior

João Vilnei de Oliveira Filho

Na origem, o étimo é ambíguo. Refere-se ao mesmo tempo a um espaço físico (um pátio, a entrada de um palácio, o mais íntimo de um santuário), a um certo grupo de pessoas que o frequentavam (a corte, a cavalaria) e, depois, por extensão, à atividade que se exercia ali (a preleção, a explanação). E, posto que, ao longo do tempo, tenha sido progressivamente e restritivamente aplicado ao campo da educação, o termo preserva, com sentido mais prosaico e institucional, é certo, o mesmo campo semântico, inclusive o sentido que, não sendo-lhe o principal, insinua-se sub-repticiamente: aula é passagem. É próprio o argumento de que, mais tarde, por extensão, signifique “residência”, “moradia”, todavia, hoje, esse significado permanece recalcado e, por outro lado, são as ideias de trânsito e abertura, subjacentes à de passagem, que preponderam. O pátio, a entrada do palácio, a sala de aula moderna, a própria preleção constrita num tempo podem induzir à dedução capenga de que a aula e mesmo a sala de aula sejam um corredor, um passadiço neutro, liso, um não-lugar (isso existe?). E não o é absolutamente. Aqui, a noção de passagem atrela-se mais às ideias de “abrir afastando”, “dar a ver”, “desvendar”, “fender” do antepositivo.



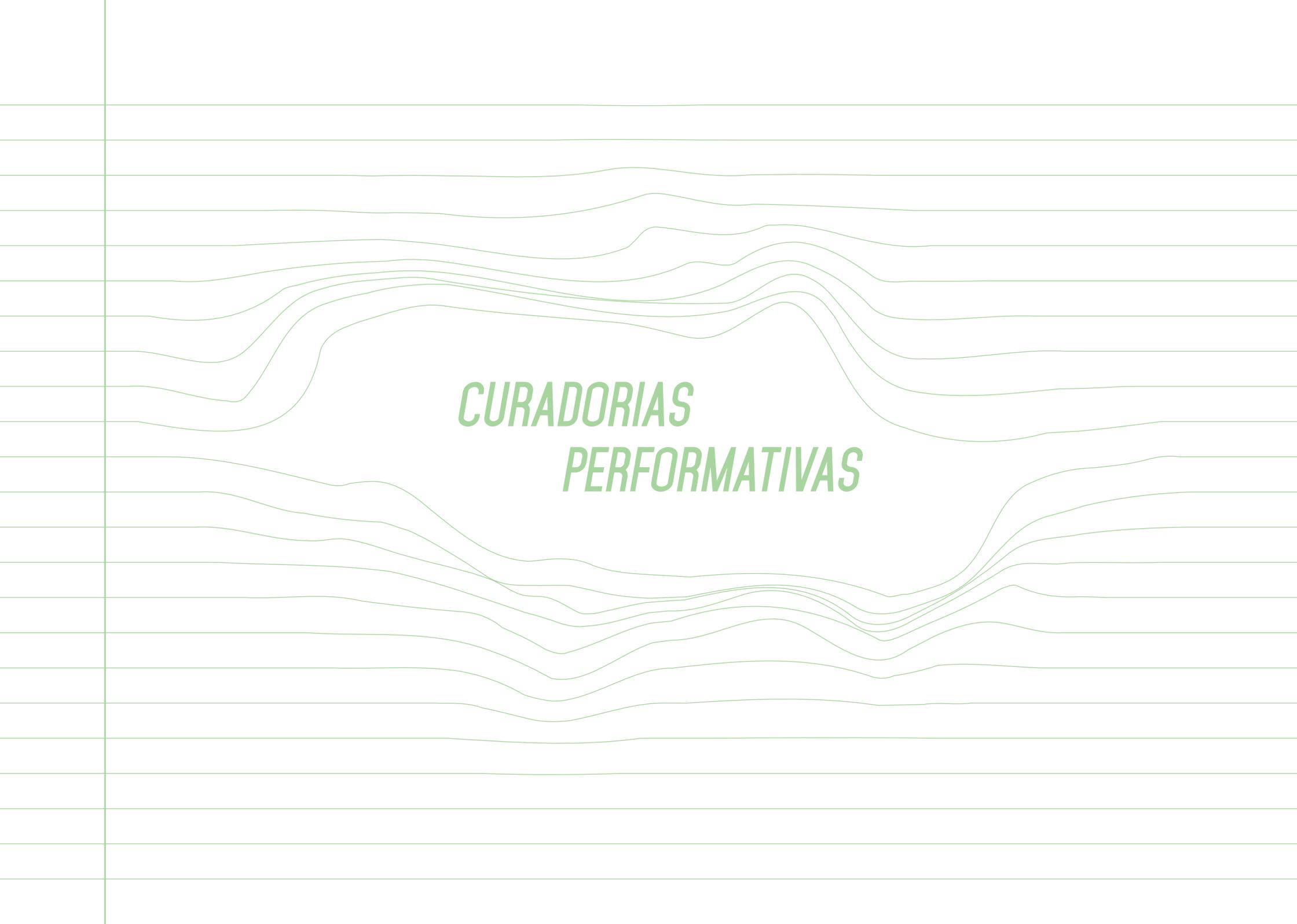
Em “Da aula: Aula #4: performance-passagem: Sala 109”, aula-performática, três professores-performers apresentam o estado da arte da pesquisa que quer sondar as potencialidades e limites da sala de aula no mundo contemporâneo. Localizada no Instituto de Cultura e Arte-ICA da Universidade Federal do Ceará-UFC, a Sala 109 é o lugar em que – desde o segundo período letivo de 2017 e a partir da integração entre ensino, pesquisa e extensão; cursos de graduação



e pós-graduação; ciência, filosofia e arte; teoria e técnica; tradição e contemporaneidade; novas tecnologias e modos tradicionais de comunicação e informação – professores, alunos, pesquisadores, curadores, artistas e técnicos investigam experimentalmente as performatividades da (sala de) aula hoje, o que nela pode ser “fenda” no mundo dado e pronto das instituições de ensino moldadas por uma racionalidade tecno-instrumental; “abertura” para o novo.

O *environment* foi a linguagem de base escolhida para a montagem do espaço. Ao entrar na classe, o visitante se defronta com o acúmulo de materiais, instrumentos, dispositivos tecnológicos, adereços cênicos, textos e obras, resultantes das várias ações e intervenções que ali tiveram lugar. Esse é o sentido maior do *environment*: criar uma obra viva que domina o espaço, como um ecossistema, com a qual o indivíduo possa interagir, imergir corporal e sensorialmente e, mais importante, interferir nela, modificá-la. Comunidade, performance e jogo foram os operadores conceituais dorsais no processo de criação em que as relações entre arte e vida têm centralidade estética.

Essa pesquisa é realizada junto ao Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte-LICCA, ao Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura-ID+ e ao Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade-I2ADS com bolsa CNPQ-PDE.

The background features a series of horizontal green lines. A central graphic consists of several overlapping, wavy lines that create a sense of depth and movement, framing the text.

***CURADORIAS
PERFORMATIVAS***

MOSTRA-FÓRUM

CURADORIAS PERFORMATIVAS

“Mostra”

substantivo feminino

1. ato, processo ou efeito de mostrar(-se).
2. parte de alguma coisa dada para ver, provar ou analisar, a fim de que a qualidade do todo possa ser avaliada ou julgada; amostra.

“Fórum”, do latim *forum*, significa o **espaço físico onde está localizado o poder judiciário**, também conhecido por tribunais judiciais. Os fóruns são **assembleias ou reuniões que têm o objetivo de discutir um tema em comum**.



A MOSTRA-FÓRUM, aconteceu nos dias 23 e 25 no IFRN-Cidade Alta ocupando três espaços consagrados da arquitetura daquele prédio patrimônio histórico da cidade do Natal. Nos foi solicitado a disponibilidade de uso da Galeria de Arte, do Pátio Central e Escadaria Principal. Espaço transformado em casa: Durante dois dias de maio a experiência cotidiana do IFRN Cidade Alta foi atravessada por arte-vida. A investigação performática no processo existencial, na produção de presenças relacionais e participativas. Todas as performances apresentadas expuseram e dialogaram livremente com pulsões autobiográficas, políticas e sociais. Expuseram e dialogaram livremente ao quebrar hierarquias dos laços sociais tecidos com tantas fragilidades na construção de professoras-performers. Esse ser híbrido, formado para ensinar performance!

Rosane Félix, IFRN - Natal, Cidade Alta
(integrante da equipe curatorial da Mostra-fórum).



ADELMO DO VALE

Macarrão ao molho NEGRO faz uma reflexão sobre a cultura brutal da espetacularização e banalização do corpo negro, favelado, transmitido pelos programas policiais de cunho sensacionalista em horário de almoço. Por que temos que ver nossos amigos/parentes mortos nessa hora tão prazerosa de nossas vidas? Que estrutura de prazer é criada nesse momento? Que tipo de medo é construído? Qual representatividade nos dão nessa ação?

BRIO VIRGILHO

Estamos juntos no papel

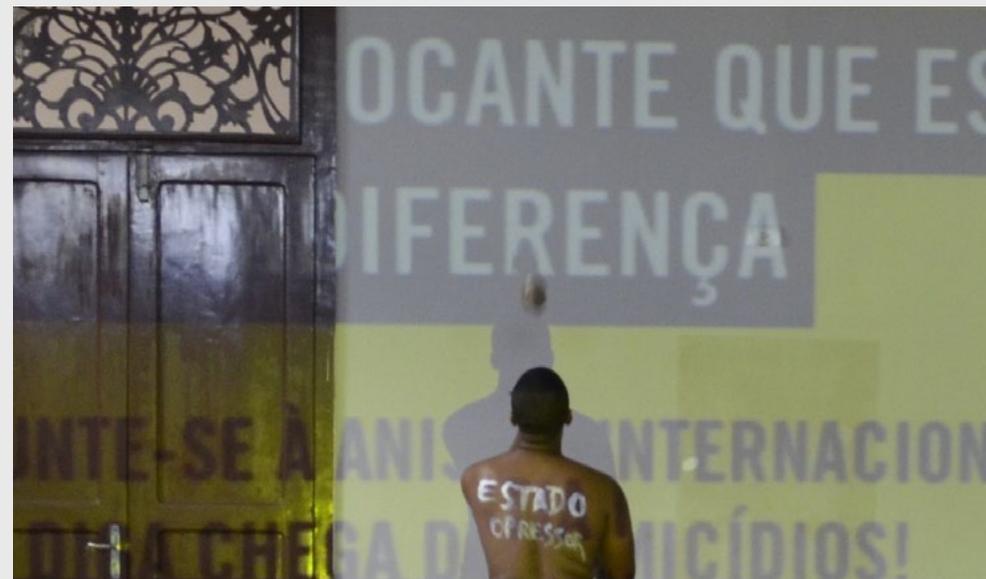
Este trabalho surge do interesse de fim de identificar gestos das relações entre dois “uns” e seu ritmo. Esse mesmo ritmo gera ação e reação sobre o outro, num movimento contínuo de autopoiese dupla, adaptando o próprio movimento em relação ao movimento do outro. [“1+1 = X” - A soma de indivíduos geram vários resultados naquilo que se produz]. Ora, quem são esses “uns” quando estão submetidos a uma situação específica? Por isso essa ação, chamada “Estamos Juntos No Papel”, não responde o que são os indivíduos, mas declara gestos e expressões da interação através de um simples jogo: duas pessoas sentadas (o performer e o convidado) e um pedaço de papel. A atividade acontecendo em silêncio. Participando um a um, tentando perceber cada diálogo se manifesta por meio de um simples pedaço de papel.



ELZE MARIA

Roda de objetos em um corpo cavalgado

A ação busca performatizar um tensionamento entre o Mito da Pombagira e a figura da Mulata, imagens associadas à ideia de mulheres objetificadas pela sexualidade, extra-cotidianas: da rua, da encruzilhada, do samba, do brilho, da vulgaridade, dama da noite, do mal, perversa, rouba marido, a mula, a outra, a coisa. A partir de uma roda de objetos que representam as duas figuras, vendando os olhos da metade do público que assiste e a outra, que recebe as informações promovidas pela performer que estará no meio. Durante o trabalho, desenvolvo pequenas ações com estímulos sensoriais: tato, auditivo, olfativo, degustativo.



JOÃO AZEVEDO

Reaja

Este trabalho pretende analisar dados públicos sobre o genocídio da juventude negra no Brasil. Em função da complexidade do fenômeno, quando se avalia por contexto histórico e genealogia multifatorial da violência, é imprescindível que se busque a re-significação das disputas de poder, o surgimento do conceito de raça e a dinâmica da exclusão social. Com isso optei por explorar quatro pontos teóricos fundamentados e estruturados pelos conceitos principais: subalternidade, militarismo, o olhar de raça e racismo e as novas formas de guerra, expressas principalmente pela violência paraestatal.



JOSÉ RENILSON TARGINO

A peleja da Vêia do Bambu

Esta performance é resultado parcial da minha pesquisa de mestrado, ainda em andamento, que enfoca as danças populares como linguagem, técnica e elemento propulsor de energias e metodologias para criação em artes cênicas. A performance foi construída a partir do estudo da “figura” da Vêia do Bambu, presente no folguedo do Cavalo-Marinho, e consiste na peleja de um véia ferosa, exagerada, que sai em busca de um marido para saciar seus desejos sexuais. O público é convidado a encontrar um pretendente para extinguir sua profunda tristeza junto ao exagero, graça e safadeza.

LUANNA CRUZ

A experiência da vida é a pergunta

A ação parte da investigação das possibilidades e expectativas acerca da imagem feminina e sua construção por meio de selfies e perfis em redes sociais. Considerando a existência feminina como “fruto da costela de Adão” e a auto-imagem concebida por meio do outro, porque não dar a elx o lugar de protagonista, criando o autorretrato da performer? A partir de um encontro roteirizado, xs participantes são convidadxs a dissecar e nomear a performer, através de um registro fotográfico ou em vídeo.





MANOEL VITOR TAVARES

Fragmento de um indivíduo Amor

É uma ação onde pinto um monte de pedras de vermelho, espero secarem, distribuo para pessoas presentes e elas fazem o que quiser com ela: guarda para sempre, perde, rejeita, joga fora e etc.

MÁRCIO SÁ

BOLHAQUECURA

Um corpo presente, disponível e envelopado por uma camada de plástico bolha em toda superfície, que entra em um processo de alívio de tensões a partir do contato de outros corpos com a finalidade de romper as bolhas de ar. A aplicação da camada plástica modifica a temperatura do corpo e a ruptura das erupções sintéticas acomete uma pressão extradérmica em sua extensão, passando por pontos específicos da medicina tradicional chinesa ou não. É um processo de relaxamento mútuo e um tratamento contínuo, buscando aproximar o *Yin* e o *Yang*. Mão a mão, bolha a bolha, corpo a corpo.





MARIA FLOR E FRANCISCO JÚNIOR

C. U. (Cadastro Único)

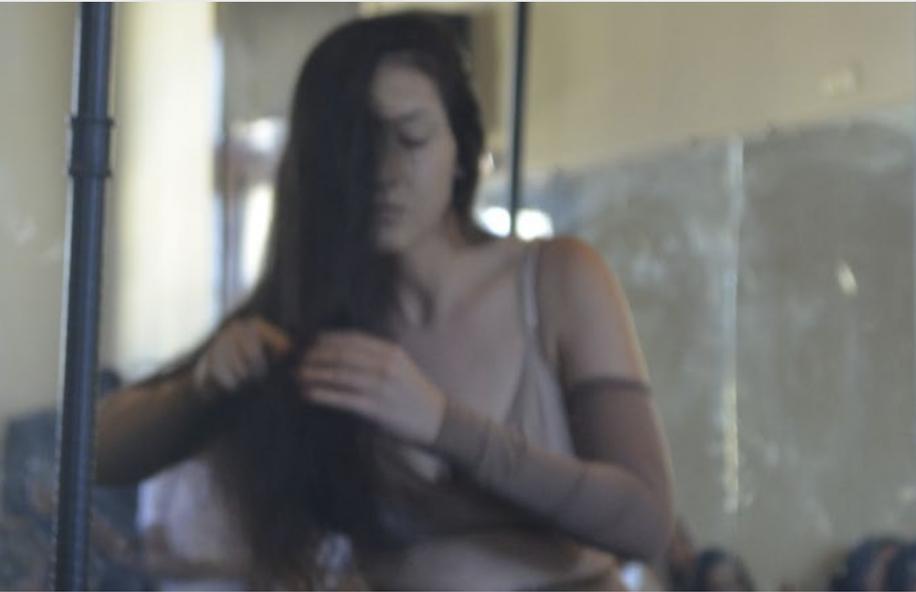
A performance CU - Cadastro Único parte do exercício da travessia, em que os performers foram estimulados a trazer memórias de infância para realizar exercícios de fala. Essas memórias desencadearam acessos a criança interior, que é a linha condutora do processo. Tomamos como base o texto “Autoacusação” de Peter Handke que nos levou a uma reflexão sobre os anos iniciais de vida e os tempos de escola, além da reflexão acerca da mecanização do ser humano. Como atores negros, resolvemos trazer nossas próprias inquietações durante o processo criativo, questionando o papel do negro dentro da sociedade, trazendo uma reflexão sobre identidade de gênero, raça e classe.

MAX KENNEDY, BRUNO SOUZA, EDJACKSON ROBSON,
WANDERSON ALVES DE OLIVEIRA

A história do comunismo contada aos doentes mentais

Experimento cênico inspirado na obra “A História do Comunismo contada aos Doentes Mentais”. Resultado de um trabalho coletivo da disciplina de Escrita Cênica do curso de Licenciatura em Teatro da UFRN. Na história, o diretor de um hospital psiquiátrico convida um escritor para contar aos seus pacientes a história do Comunismo e da Revolução de Outubro. Convencido que desta maneira, vários doentes mentais poderiam ser curados. A história se passa em Moscou no ano de 1953.





PAM DUTRA

Bálsamo

Nos quatro cantos de sua caixa, Aurita se vê aguda e inflamada no sangramento da luz. Das dores e devaneios daquelas mulheres, surge o leite empedrado por mundos e tempos. A performance retrata uma tentativa de sobrevivência. O corpo de Aurita se torna moradia, proteção e dilaceramento, através das memórias espalhadas no espaço feminino. Aurita observa sua morte, aberta, e clama a possibilidade de encontrar no céu de sua boca uma saída para o livramento. Enquanto seu corpo ferve no interior do vulcão, a palha do sertão se sacode e escreve sua passagem pela vida. O vento se corta a facadas, enquanto os cabelos derramam no chão a secreção produzida no colo. Essa mulher está prenha, mas se desmancha em salitre nas paredes. Seu ventre é um mulambo que se alimenta da fome.

RAILSON ALMEIDA

Longe de tudo

É preciso discutir as diferentes formas que a sociedade e o sistema obrigam o cidadão a ingerir coisas que muitas vezes desconhece ou sequer tem vontade. Tal ingestão é por vezes forçosa e dolorosa. O engolidor é esse tipo típico ser “pensante” que, dominado pelo ímpeto da aceitação social, prefere se ausentar de um trabalho simples: pensar. Pensar gera questionamento, e quantas vezes somos engolidores? Esquecemos de refletir acerca da qualidade do que estamos ingerindo e seguimos apenas o ideal social que nos impõe. Como transgredir e deixar de seguir ordens para escolher e definir as próprias ordens?





RENATA CALDAS

É permitido chorar

Em tempos difíceis, temos a sensação de um choro coletivo sufocado, eminente. Chorar, esse ato de catarse, é o tema dessa performance-instalação. O trabalho faz parte da disciplina Tramações: cultura visual, gênero e sexualidades, assim como de minha pesquisa de mestrado. O lugar da performance terá a placa: permitido chorar neste local. Aleatoriamente, vou me sentar em um das cadeiras da instalação e começar chorar como uma frequentadora qualquer. O público pode consolar a performer e/ou desabafar nesse território onde “É permitido chorar”.

RENÉ LOUI [COLETIVO CIDA]

Maré

Transpor as realidades do amor para a cena é o início de tudo. Maré surge como uma alusão à forma que encaramos e estereotipamos o híbrido deste modo de se relacionar. Uma metáfora sobre a modificação, sobre os diversos níveis, sobre as intensidades e profundidades deste sentimento tão complexo. Criado por René Loui e Rozeane Oliveira e desenvolvido dentro do CIDA - Coletivo Independente Dependente de Artistas, Maré é fruto de uma pesquisa sobre o conceito de dramaturgia em tempo real e ainda sobre questões relacionadas ao espaço existente entre a obra e espectador. A obra se concretiza a partir de células coreográficas abertas à improvisação. Para este momento convidamos outros dois artistas locais para participar desta experiência compartilhada. Juntos, René Loui, Rozeane Oliveira, Moisés Ferreira e André Rosa dão corpo à peça.





RONILDO NÓBREGA E EDCEU BARBOZA DE SOUZA

Longe de tudo

O trabalho consiste de uma pequena tela eletrônica emoldurada que exibe imagens de nossos corpos-bicha a passear por uma rua “esquecida” do bairro Lagoa Nova, na capital natalense. Essa rua, que enfrenta problemas com a falta de infraestrutura (iluminação noturna, buracos, esgoto estourado etc.), é também rodeada por grandes prédios, cafés caros e franquias de *fast food*. Fazemos um percurso calçando sapatos de salto alto e com um abajur sobre cada uma de nossas cabeças. A partir do contato entre o corpo, a câmera, o espaço público e os respectivos agrupamentos que constituem a escrita videográfica, nos propomos a discutir questões como os processos de gentrificação, o progresso e o lugar da bicha na contemporaneidade.

VICENTEVINICIUS

Radiovirilha

A Radiovirilha é uma performance que transforma o corpo em um aparelho emissor de memórias e narrativas autobiográficas. Construímos pequenos programas de rádio e convidamos as pessoas a ouvi-los, deitando suas cabeças sobre nossas virilhas. Assim, propomos um exercício de contato íntimo e singular: a cumplicidade como postura política de afetação.





JOSÉ BALTAZAR
EXPOSIÇÃO
ALEXANDRE AMPÉRE

CARTAS A RENATO COHEN

CURADORIAS PERFORMATIVAS

FICHA TÉCNICA

Performers: Naira Ciotti, Vicente Martos, Rita Cavassana

Arquitetura cognitiva: Sylvio Eckman

Ambientação sonora: Ehri Araújo

Maquiagem: Nick Oliver



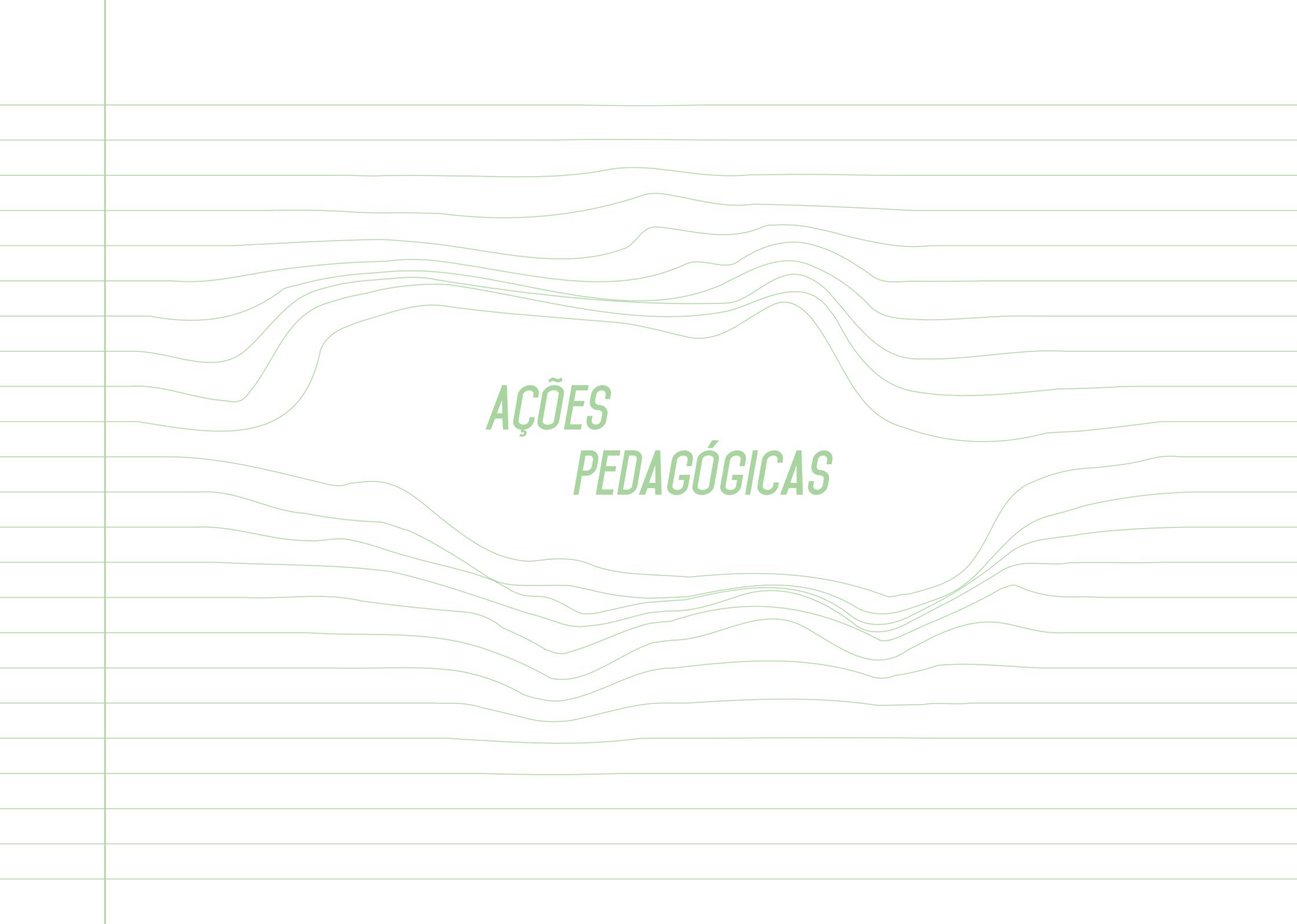
Figura - Naira Ciotti em performance Cartas a Renato Cohen, Teatro Laboratório Jesiel Figueiredo, Natal, 2018. Foto Melissa dos Santos Lopes.

“A assinatura da pesquisadora Naira Ciotti foi movida pelo desejo de homenagem a Renato Cohen, cuja metodologia é a escrita compartilhada com pessoas (autores críticos, de artes ou não), através da reunião de cartas endereçadas ao autor, trabalhando com mídias impressas e com o meio eletrônico. Cartas a alguém como Renato Cohen geram um gap linguístico, no sentido de que com a morte do autor, nunca serão respondidas. A performance “Cartas a Renato Cohen: teorias do esquecimento” foi realizada com a ocupação do Condomínio Cultural em São Paulo, em julho de 2015.

”

O uso da carta ficcional, endereçada a um remetente impossível, foi o disparador de propostas que expandiram o suporte do papel para o corpo dos performers cortados por uma instalação multimídia em vídeo com o conteúdo imagético das cartas, frases e processos do projeto. Neste caso, os autores performers propuseram a desprogramação do espaço, baseados em uma estética da ausência, criando jogos e tematizando a condição de existência do autor homenageado. A meta autoria aparece como a exposição do zeitgeist da carta sem destinatário, da escrita que se expande para a escritura e a performance multimídia ao explorar os mesmos procedimentos de falta do destinatário para a ocupação das materialidades do corpo com o espaço.





*AÇÕES
PEDAGÓGICAS*

REPERFORMAR EM BOM JESUS

AÇÕES PEDAGÓGICAS

Ao longo de dois dias, de 25 a 26 de abril de 2018 foram realizadas pela equipe do LABperformance, PPGARC, DEART UFRN uma formação continuada para mais de 100 professores da rede municipal de ensino da cidade de Bom Jesus, com o apoio do edital PAEP CAPES. Os temas abordados foram resultado da pesquisa das professoras envolvidas nesta ação e se pautaram na relação entre a Arte e a Educação em geral e, mais especificamente, na ideia de inovação pedagógica utilizando a metodologia da emergência e a ideia da performance na sala de aula desenvolvida no livro *O Professor-performer*, de autoria da coordenadora deste projeto.

Neste sentido, cada uma das atividades desenvolvidas pretendeu trabalhar com a ideia de afeto. A Karyne Dias Coutinho desenvolveu com os professores duas conferências sobre filosofia contemporânea sobre os conceitos de experiência, heterotopia e afeto, que se mostraram de grande valor para a comunidade envolvida. Já os pesquisadores do curso de Pós Graduação em Artes Cênicas apresentaram performances, narrativas e performances corporais que foram abordados de maneira compartilhada sempre estimulando a participação dos professores. Por isso consideramos que nossas ações pedagógico-performativas apresentaram-se com a missão de propor novas formas de aplicação do conhecimento gerado no âmbito acadêmico.



Na performance, proposta para um grupo de cerca de setenta professorxs da rede pública, convidei vinte voluntárixs para se atarem ao meu corpo através de elásticos. Também pedi para que elxs me vendassem e me guiassem, sem encostar no meu corpo, somente através do contato dos elásticos e da voz. Assim nos deslocamos do local do evento até a escola pública mais próxima, a cerca de três quarteirões. Convidei também mais duas pessoas participantes que quisessem ser vendadas. Propus que juntxs pensássemos uma educação que fosse para além dos muros da instituição-escola e lancei a questão: como lidamos com esse corpo coletivo e suas fragilidades? O evento propunha uma educação permeada pela arte, e uma arte permeada pela educação, colocando em questão o conceito híbrido do performer-professor desenvolvido em nosso LABperformance.

(Natã Ferreira)





“Foi com a ideia de realizar a performance ‘Desembaladores de Memórias’ que cheguei à cidade de Bom Jesus no dia 23 de abril, como parte das ações iniciais do Reperformar o Afeto: Professores Performers, que teve como mola propulsora compartilhar com a comunidade a importância que o conceito de Afeto tem tomado em nossas pesquisas na área de Performance, Memória e Educação de Arte Contemporânea. Tal qual a prévia experiência na Zona Norte de Natal, levar esse tipo de proposição para a cidade de Bom Jesus/RN me parece extremamente necessária. Ao trabalhar ações de caráter contemporâneo, podemos repensar o lugar da universidade e das contribuições que ela pode (e deve) fazer para o entorno. Aproximar contextos de ensino, ouvir, trocar. A viagem acabou afetando todos os envolvidos.” (Pablo Vieira, 2018)

ARILMA SOARES

(Esc. Municipal Santos Reis)

Descolonizar é (ensino) fundamental: práticas artístico-pedagógicas

A proposta temática tem como objetivo criar um espaço circular de partilha das experiências tecidas no contexto escolar, acolhendo idéias, sentimentos, proposições, eventos e questionamentos. Esses assuntos são aflorados no cotidiano da sala de aula, potencializando momentos de reflexão sobre feminismo, negritude, subjetividade e corporeidade. Sendo assim, convidamos a todXs: alunos, gestores, coordenadores, professores, pesquisadores, estagiários, ex-pibidianos. Assim, esses atores sociais tornam-se protagonistas da experiência, e tecem os seus saberes, reinventando outras lógicas de ensinonarede pública. Esses processos tensionam o sistema de ensino e vislumbram avanços no ambiente formal, tradicional, engessado e (hetero)normativo. É na escola que crianças, adolescentes e professores tornam-se invisíveis, passando grande parte do seu dia ou, até mesmo, em tempo integral. A nova geração já afirma que a escola atual não é interessante; ademais, desvela-se como lócus de reprodução de racismo e atitudes machistas. Além disso, a falta de infraestrutura de algumas impede a existência de espaços de convivência entre os alunos. A alteridade nunca é um assunto em pauta, e as disciplinas de outrora, como português e matemática, seguem na prioridade do currículo escolar. Pensando nisso, atores sociais

de diferentes áreas de conhecimentos muitas vezes questionam a permanência do ensino tradicional nas escolas públicas, propondo-se a pensar outras metodologias que evidenciem a autonomia dos alunos. Esses protagonistas (professores, alunos) sistematizam seus saberes, produzindo conhecimento para além da metodologia conteudista e tecnicista de ensino, modelos estes que não lhe dão tempo/espaço de pesquisar/refletir/narrar sobre suas experiências. Em recente pesquisa de mestrado, no Programa de Pós Graduação DANÇA UFBA, intitulada: PIBID DANÇA NA UFBA E NA UFRN: POLÍTICAS DE COOPERAÇÃO NA EXPERIÊNCIA DOCENTE, analiso quatro escolas, sendo duas em cada cidade, podendo constatei que as práticas artístico-pedagógicas apresentadas pelos pibidianos inseridos no programa eram os raros momentos na sala de aula em que crianças e adolescentes vivenciavam, através da arte, outros aprendizados. Sendo assim, é chegada a hora de reorganizar as práticas de ensino, pensando em recriando espaços de diálogos. Considerando-se a diversidade da turma e a quantidade de alunos, identificamos alguns temas recorrentes. Falar de escola também é abordar corpo, práxis, comunidade, subjetividade. Tais inquietações surgem na minha formação como aluna, estudante, pesquisadora e professora de diferentes esferas públicas, e sinto-me motivada a convidar outrXs a pensar nessa ESCOLA PÚBLICA que pouco ou nada tem melhorado em qualidade de ensino, na projeção dos alunos (em sua maioria são negros e negras) e na valorização dos professores e professoras, ampliando a perspectiva de todXs.

ELZE MARIA DE OLIVEIRA BARROSO
(UFRN)

Experiencias Energéticas Com o Papel

A oficina propõe experiências energéticas no corpo a partir do entrelaçamento das vivências ao longo da minha formação artística e acadêmica. Convido os participantes à uma relação entre objeto de papel folha A4 e o corpo por meio dos estímulos energéticos extraídos de estucos sobre a Poética dos Quatro Elementos, com o prof. Dr. Robson Haderchepk, e proposições da Metodologia, segundo a pesquisa da prof. Dra. Luciana Lyra. As proposições colocam o objeto em atrito para abrir possibilidades do que pode um simples elemento de papel despertar no corpo.

FRANCO WILLAMY LIMA DA FONSECA
(UFRN)

Aula Expositiva – Uma abordagem pós coquetel.

Objetivo geral:

Pensar a arte como uma alternativa e resposta social ao enfrentamento da epidemia do HIV, com a desconstrução de alguns estigmas que giram em torno dela por meio da linguagem. Através desta aula algumas metáforas pretendem ser despertadas e problematizadas de forma expositiva/dialogada com o uso de referências artísticas (música/performance/textos poéticos) em mídias alternativas.

Objetivos específicos:

- Promover exercícios alteritários de escrita numa perspectiva de ampliação das relações entre as narrativas da Aids na atualidade;
- Cultivar as dimensões imaginativas e sensíveis das metáforas em uma organização discursiva;
- Dinamizar e mobilizar pessoas para falarem sobre Aids em um contexto Pós Coquetel;
- Despertar a consciência político social do fazer criativo na construção de novas narrativas para assuntos estigmatizantes;
- Desenvolver uma intervenção no espaço com produção elaborada durante a aula de forma colaborativo.

Após um momento expositivo exercícios de escrita performativa serão realizados junto da experimentação de elementos alternativos (frutas, camisinhas, dildos, bulas de retrovirais, fotografias e etc) unindo dessa maneira a potência criativa da arte ao ativismo político social. Nesta breve imersão por meio da linguagem se pretende intervir no espaço com ações performáticas que façam referência a historicidade dessas metáforas levantando questionamentos sobre a Aids em um contexto “pós coquetel”. Como essas informações/narrativas se apresentam? Com que veracidade ou estigma? O que é a Aids? O que eu sei sobre ela?”.

Trata-se de uma estratégia de banalização desses temas na arte, no sentido de torná-lo visível e sensivelmente discutido a partir da escrita/fala/narrativa. Pois, como afirmou o escritor Caio Fernando de Abreu em relação a Aids (2006, p.247) devemos “banalizar a Aids, falar muito dela, que já não é um tema do nosso cotidiano, presente na vida de todos nós.” Banalizar a AIDS de forma crítica, em uma ação cotidiana em outro contexto. Igualmente, Susan Sontag (2007, p.149-150), antes de haver um tratamento para a doença, também já apontava que “no entanto, é altamente desejável que determinada doença temível venha a ser considerada como algo comum. Até mesmo a doença mais carregada de significado pode vir a tornar-se apenas uma doença”.



JOSÉ RENILSON TARGINO FERREIRA FILHO
(UFRN)

Redirecionando os fluxos de energias cotidianas

Existe uma infinidade de técnicas e treinamentos usados para o preparo corporal do ator, deixando perceptível um estado dilatado nos corpos de atores em alguns espetáculos teatrais. Nossa ação pedagógica é constituída de exercícios que propõem um redirecionamento dos fluxos de energias cotidianas. Os exercícios “desconstroem” o corpo apoiado na funcionalidade cotidiana, intervindo a lógica das ações da vida comum, e construindo um corpo ampliado, vivo e decidido - um corpo dilatado.

MAURÍCIO BARBOSA DE LIMA
(E. M. Antônio Santos Coelho Neto)

As aulas performativas de um professor-performer: um relato de experiência

A presente comunicação é um relato de experiência das aulas performativas vivenciadas em uma escola pública do município de João Pessoa – PB. O público-alvo desta ação foram os discentes do oitavo e nono ano do Ensino Fundamental II, com faixa etária entre 12 e 14 anos. O objetivo é compartilhar os processos criativos que vivenciei com os educandos, bem como suas implicações no cotidiano de uma instituição de ensino formal. Parto do conceito de professor-performer (CIOTTI, 2014) e da prática de aulas performativas (RACHEL, 2013) ao reconhecer a escola como um laboratório de experimentação e reivindicar uma retroalimentação entre arte e educação.





NAIANA BLUE

Projeto Água Viva - Ações Pedagógicas

Tratam-se de experiências performativas propostas em diferentes contextos e espaços, dentre eles universidades, centros culturais, espaços expositivos e urbanos. A partir do estudo do elemento água e as possibilidades de interação com este em diferentes lugares, as ações envolvem exposição de investigação artística, reflexões teóricas, experimentações corporais, prospecções urbanas, produções imagéticas e instalativas.

RENAN CARLOS MEDEIROS DA SILVA / CLARA OLIVEIRA DE MEDEIROS (UFRN)

Cabeça Coletiva

A performance Cabeça Coletiva é uma proposição artística realizada em grupo. Ela tem como objetivo provocar a ruptura na noção de tempo cartesiana na relação com o outro e a instauração de um espaço imanente de criação. Os participantes devem sobrescrever as imagens dos rostos do outro sobre um papel, gerando a imagem de uma cabeça formada pelo rosto de todos. Esta proposta suscita a criação de um corpo imagético pela relação sujeito/objeto, onde o ato de fazer a obra se revela no tempo de expressão do participante.

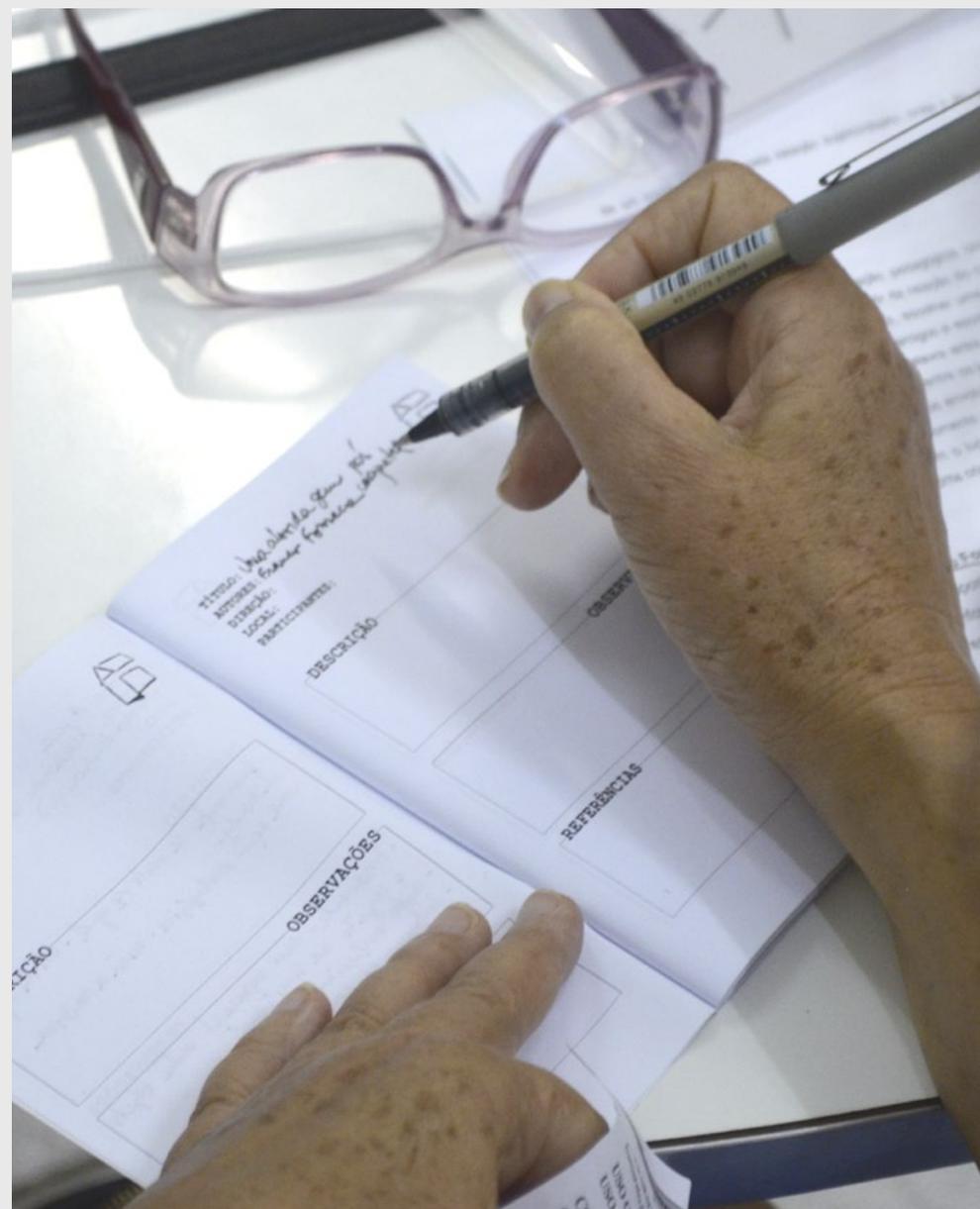


RITA CAVASSANA
(UFRN)

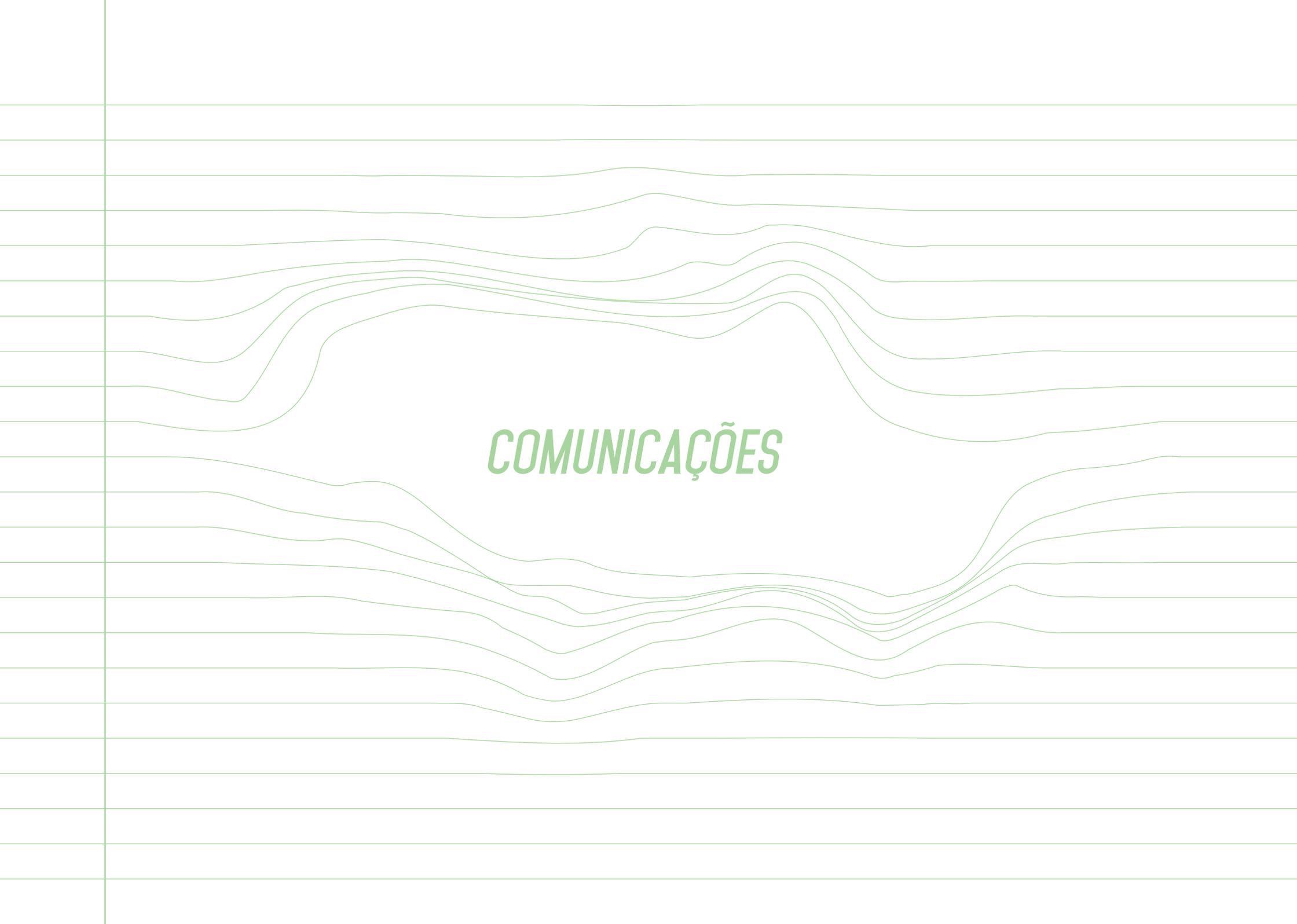
Caça-Palavras

O compartilhamento da ação pedagógica consiste em um jogo de caça-palavras, no qual as palavras se formam a partir da relação do corpo com o espaço e os demais participantes. A primeira instrução é dizer o nome em voz alta, para depois escolher uma das letras que será escrita em alguma parte do corpo. O próximo passo é escolher sílabas dos nomes dos amigos para escrever em outra parte do corpo. A partir desta dinâmica de escrita no corpo começamos um caça-palavra entre os participantes. Quais palavras podemos formar com as letras e sílabas? que encontros acontecem entre os jogadores? Ao encontrar o outro, as palavras devem ser faladas em voz alta, para que todos os participantes do jogo escutem e possam interagir, propondo novas palavras. Em um momento posterior é oferecido giz para que se possa escrever palavras a partir da relação individual do seu corpo com o lugar. As palavras são geralmente escritas no chão e, a partir da intervenção no espaço com a escrita, criamos um mapa de palavras que possam se conectar.







The background features a light green grid with a vertical line on the left and horizontal lines. Overlaid on this grid are several thin, wavy, light green lines that create a sense of movement and depth, framing the central text.

COMUNICAÇÕES

WEB RÁDIO REPERFORMAR

AÇÕES PEDAGÓGICAS

Desde 2014 o agrupamento Projeto Cartas vem realizando desdobramentos de suas performances através da transmissão de programas de WEB rádio. Essa vem se configurando como uma importante ferramenta que proporciona um acompanhamento diário de experiências imersivas, como residências artísticas, pesquisas e ensaios. Da primeira residência artística realizada pelo grupo, no Condomínio Cultural (São Paulo, 2014/2015) até as recentes pesquisas aportadas no LABPerformance/UFRN, elaborar os programas vem possibilitando a expansão das barreiras espaciais de nossas ações, ampliando nosso raio de alcance.

“Na residência, em nosso quarto ateliê, convivemos por semanas numa intensa troca de referências e proposições performáticas. Através de softwares muito simples de gravação e edição de áudio, diariamente recolhíamos pequenos protocolos realizados ao longo do dia para a construção do roteiro in progress da nossa transmissão. O formato das gravações mudava nas diversas vezes em que a rádio foi acionada, variando entre gravações em estúdio com edição do material sonoro, uso de outras fontes de áudio, in door, out door ou ainda transmissões ao vivo”. (Vicente Martos, arquivo pessoal)

Com o tempo, realizamos conexões entre cidades ao redor do mundo e entrávamos ao ar para discutir as notícias recentes. Usamos o espaço da rádio para manifestar aflições pessoais em relação a contextos sociais e políticos que estávamos vivendo. No Brasil, os



entrevista com
ERHI ARAÚJO



entrevista com
PROF. DR. WELLINGTON JR.



entrevista com
PROF. DRA. TÂNIA ALICE



entrevista com
PROF. DRA. CARMINDA MENDES ANDRÉ

tempos são de crise, e isso já vem acontecendo há algum tempo. Em 2016 foi a crise da educação e a ocupação dos secundaristas uma das pautas que abordamos. Na política das micro-revoluções, um relato pessoal de nossa experiência direta nas ocupações estudantis encontra vieses políticos.

Em Reperformar o Afeto: Professores Performers difundimos a rádio também como ação pedagógica; os alunos do componente curricular Tópicos Avançados em Artes Cênicas, ministrado por Naira Ciotti no PPGArC/UFRN, realizaram entrevistas com os residentes convidados do projeto, disponibilizando o material para edição e compartilhamento nas redes sociais do projeto. Da mesma forma que nas primeiras experiências realizadas nas residências artísticas, buscamos aqui ampliar o alcance de nossas vozes.

JÉSSICA OLIVEIRA DE PÁDUA (E. E. Santos Dumont)

Projeto raízes: (re) aprendendo sobre a cultura ancestral brasileira

Resumo: Este é um projeto de ação pedagógica de caráter interdisciplinar idealizado pela docente Jéssica de Pádua, da disciplina de Arte, no intuito de dinamizar o conhecimento construído sobre a cultura ancestral brasileira, desenvolvido pelas turmas do 1º ano do ensino médio. O objetivo desta ação pedagógica é fomentar a valorização e reconhecimento ao que se refere às nossas culturas antepassadas, especialmente aquelas que se construíram a partir dos escravos africanos e dos indígenas pré-cabralianos. Propomos refletir, no cotidiano escolar e posteriormente na sociedade, sobre ações cotidianas e cidadãos dos que compõem essas populações hoje em dia, atentando-se a incidências de racismo e atitudes preconceituosas excludentes por razão de divergências étnicas e culturais. Na prática, este projeto se dá a partir de exposição dos conteúdos, reflexão sobre o tema, apresentação de uma encenação musical chamada "Raízes". Em sua segunda edição no ano de 2017, foi elaborado e apresentado o Musical "Raízes do Nordeste" produzido com os alunos participantes do Grupo de Artes da Escola Estadual Santos Dumont (Parnamirim, RN), concebido após pesquisa sobre a formação histórica e social do Nordeste Brasileiro, com criação artística baseada na arte popular. A apresentação foi desenvolvida nos estilos artísticos populares como coco, maracatu, xaxado, caboclinhos, frevo, forró e baião, sendo a aprendizagem artística construída através de oficinas de jogos teatrais, danças e grupos de percussão.

LUANNA CRUZ

Um pouco de possível: manifestações e atos como metodologia de estímulo à criação e à gestão?

Resumo: Como mais uma forma de resistir compartilho um recorte de minha experiência em arte-educação nos últimos 3 anos, com coordenação e formação de equipes e o acompanhamento de processos criativos vivenciados por crianças e jovens, em programa público cultural. A fala é composta da apresentação de práticas vivenciadas pelos jovens e pelos arte-educadores, que contém como um pouco de possível para agir/pensar/organizar/gerar/disparar: a celebração, a (re)descoberta do corpo, a (re)significação do espaço, o estar em grupo, representatividade, empoderamento, manifestações e atos (em suas temáticas, etapas de preparação e formas de apresentação como possíveis metodologias de criação e gestão).

MARCIO FIGUEIREDO DE SÁ LEITÃO (UFRN)

Como manter-se vivo? Uma análise sobre a performatividade da artista Flávia Pinheiro

Resumo: Em um mundo cercado pela indisciplinaridade, as produções artísticas ultrapassam fronteiras sobre as suas definições. Ao romper com a linguagem da dança exclusivamente, a pernambucana Flávia Pinheiro vem produzindo performances que desafiam sua resistência e questionam tal existência. Sob a ótica de um diálogo com artefatos tecnológicos, os trabalhos vão além das movimentações corporais e das ações comumente vividas, trazendo perguntas essenciais para a sobrevivência.

NAARA MARTINS (UFRN)

Poéticas de gênero: dessubjetivando os desvios

Resumo: A presente proposta discute sobre noções de subjetivação (ROLNIK; GUATTARI, 1996) e dessubjetivação (FOUCAULT, 2017), relacionando-as ao conceito de “poética de gênero”. Discorro neste trabalho sobre a separação de energias em “femininas” e “masculinas” e sobre a necessidade da fluidez das energias para além dessa lógica binária estereotipada, destacando para isso o aumento da produção artística do que denomino como “poética(s) de gênero”. Essa(s) que podem ser entendidas como um desvio da ordem padrão estabelecida, por semearem uma quebra com esse modelo de pensamento fundamentado ao longo de séculos de opressão de gêneros e que está presente no modo de pensar social, cultural, histórico, econômico e, conseqüentemente, filosófico, pedagógico e artístico da nossa sociedade que ainda é androcêntrica e heteropatriarcal. Essas poéticas de gênero além de serem formas de potência, também se constituem em modos de desvios, portanto, poéticas desviantes de gênero. Este trabalho fala sobre as temáticas dentro de um processo que possui discursos sociais e políticos do “feminino” (reforçando-o enquanto estereótipo para então quebrá-lo) utilizando a linguagem teatral contemporânea, a encenação “O som que se faz debaixo d’água”, do projeto de extensão Cores Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

SOFIA BAUCHWITZ (UCM/UFRN)

Mapear o discurso ausente: dispositivos de tradução e crítica no âmbito da ruína

Resumo: Analisar o projeto “Fronteiras e Estados de Sítio”, dispositivo cartográfico de discursos artísticos não-centralizados, tendo em conta a dificuldade sentida de se falar como cartógrafa-mulher-artista-pesquisadora e achar discursos de mulheres-artistas publicamente abertos ao errante, ao confuso e impreciso.

Isto reafirmou a potência legitimadora dos mapas como dispositivos de fala onde o Outro se coloca no mapa oficial, desconfigurando sua autoridade, criando, em seu lugar, outras geografias, outras verdades passageiras.

VICENTE MARTOS MOREIRA (UFRN)

A noção de presença na performance em residência - uma leitura para os corpos invisíveis

Resumo: Esta comunicação apresenta parte de um processo criativo de Performance em residência, que tem como ponto de partida os estudos de Saskia Sasen (2016) sobre os processos de expulsão e apagamento de corpos, culturas e populações ao redor do mundo. Como tática analíticas para problematizar esses processos, apresentamos as noções de presença do corpo (GREINER, 2010) e corpo biocibernético (SANTAELLA, 2003), que dão aporte teórico para analisar e refletir sobre alguns trabalhos artísticos no contexto da produção contemporânea brasileira.



VINICIUS CORTEZ DE SOUZA DANTAS (UFPE); VICENTE MARTOS MOREIRA (UFRN)

Experimentos em Design Político

Resumo: A apresentação trata do fazer design enquanto criação de formas de vida. Partimos da ideia do design político enquanto atitude ou busca que suspende determinada ordem sobre os corpos. Em seguida, apresentamos o relato de três projetos: “Contato CDU-várzea” (2017), “Manual para máquinas de sentar” (2018) e “Rádio-virilha” (2018), que são atravessados por questões homoeróticas e de uso do próprio corpo.

ROBERTA PEDRONI (UFRN)

Arte e contra-hegemonia em tempos de enfrentamento

Resumo: O presente trabalho tem o intuito de compartilhar algumas reflexões emergentes da minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O objetivo é discutir as possíveis relações entre arte e política na atualidade brasileira, tendo como fio condutor a noção de hegemonia (GRAMSCI, 1999), e, no seu desdobramento, o lugar da arte, como fenômeno da cultura, na construção contra-hegemônica dos modos de ser e fazer em momentos de enfrentamento político.



